

# O PERFIL DO ANTROPÓLOGO EM PORTUGAL

RELATÓRIO  
2016

Associação  
Portuguesa de  
Antropologia

---





# O PERFIL DO ANTROPÓLOGO EM PORTUGAL

Relatório  
2016

O questionário e as entrevistas  
Os filmes e as publicações  
O ensino e a investigação

A antropologia na  
sociedade portuguesa

Quem é e o que faz o  
antropólogo português?

Associação  
Portuguesa de  
Antropologia



# O Perfil do Antropólogo em Portugal. Relatório. 2016.

Edição: Associação Portuguesa de Antropologia, 2016

Autores:

Pignatelli, M. (ISCSP-UL) (Coord.)

Balsa, J. (ISCSP-UL)

Belo, A. (ESCS/IPL)

Cachado, R. Á. (CIES-IUL)

Carvalheira, R. (ICS)

Cavaleiro Rodrigues, J. (ESCS-IPL)

Florêncio, F. (UCoimbra)

Lima, A.P. (ISCTE-IUL)

Machado, V. (ISCTE-IUL)

Martins, H. (UTAD)

Micaelo, A.L. (CRIA/ISCTE-IUL)

Mota da Costa J. (ISCSP-UL)

Viegas, S.M. (ICS-ULisboa)

Design gráfico: Francisco Oliveira

Apoio à edição: Museu Nacional de Etnologia

## ÍNDICE GERAL

INTRODUÇÃO	6
1. OBJECTIVOS	8
2. CRONOGRAMA	8
3. METODOLOGIA	8
4. A EQUIPA	9
5. O QUESTIONÁRIO	9
5.1. NOTAS TÉCNICAS	10
5.2. APURAMENTOS	11
CARACTERIZAÇÃO SOCIOGRÁFICA	15
ACTIVIDADE CIENTÍFICA	16
ACTIVIDADE PROFISSIONAL	22
O MAIS VALORIZADO NA ANTROPOLOGIA	23
O MENOS VALORIZADO NA ANTROPOLOGIA	24
IMPRESSÕES FINAIS	25
6. AS ENTREVISTAS QUALITATIVAS	26
6.1. NOTAS TÉCNICAS	32
6.2. ANÁLISE DAS ENTREVISTAS	32
7. OS FILMES	38
8. PUBLICAÇÕES, INVESTIGAÇÃO	39
E ENSINO DA ANTROPOLOGIA EM PORTUGAL	
CONCLUSÕES	
REFERÊNCIAS	

## ÍNDICE DE QUADROS E GRÁFICOS

GRÁFICO 1. DISTRIBUIÇÃO POR SEXO	11
GRÁFICO 2. FAIXAS ETÁRIAS	11
GRÁFICO 3. DISTRIBUIÇÃO POR NATURALIDADE	12
GRÁFICO 4. DISTRIBUIÇÃO POR NACIONALIDADE	12
GRÁFICO 5A. ÁREA DE RESIDÊNCIA	12
QUADRO 5B. OUTRA ÁREA DE RESIDÊNCIA ESTRANGEIRA	13
GRÁFICO 6. GRAUS ACADÉMICOS	13
GRÁFICO 7. EVOLUÇÃO DO NÚMERO DE LICENCIADOS, MESTRES E DOUTORES	14
GRÁFICO 8A. ÁREAS DA(S) ACTIVIDADE(S) CIENTÍFICA(S)	15
GRÁFICO 8B. ENTIDADES FINANCIADORAS	15
QUADRO 8C. ENTIDADES FINANCIADORAS	15
GRÁFICO 9. SITUAÇÃO PERANTE O TRABALHO	16
QUADRO 10. VÍNCULO DE TRABALHO	16
QUADRO 11. NÚMERO DE EMPREGADOS POR OCUPAÇÃO	17
QUADRO 12. ACTIVIDADE PROFISSIONAL POR TIPO DE ORGANISMO E SEXO	17
QUADRO 13. ACTIVIDADE PROFISSIONAL POR TIPO DE ORGANISMO E IDADE	18
QUADRO 14: EMPREGADOS POR NACIONALIDADE	19
QUADRO 15: NÚMERO DE DESEMPREGADOS POR OCUPAÇÃO	19
QUADRO 16. ARTICULAÇÃO ENTRE A FORMAÇÃO E A PROFISSÃO	20
QUADRO 17. RELAÇÃO ENTRE A PROFISSÃO E A ANTROPOLOGIA	20
QUADRO 18. ADEQUAÇÃO DA FORMAÇÃO ANTROPÓLOGICA À PROFISSÃO	20
QUADRO E GRÁFICO 19. NÍVEIS DE SATISFAÇÃO COM A PROFISSÃO	21
QUADRO 20. O MAIS VALORIZADO NA ANTROPOLOGIA	22
QUADRO 21. O MENOS VALORIZADO NA ANTROPOLOGIA	23
GRÁFICO 21. PRINCIPAIS ACTIVIDADES PROFISSIONAIS EXERCIDAS	28
QUADRO 22. CURSOS EM ANTROPOLOGIA EM PORTUGAL	37
QUADRO 23. DOCENTES EM ANTROPOLOGIA EM PORTUGAL	37



## resumo

Como forma de contribuir para um melhor conhecimento da realidade nacional a respeito da situação dos antropólogos, a APA lançou o projecto “O Perfil d@ Antropólog@ em Portugal (PAP - APA 2014/2016)”. O objectivo central deste estudo é caracterizar a situação da comunidade de antropólogos em Portugal, saber o que fazem em termos de formação, actividade científica e

profissional e descobrir as potencialidades ou obstáculos à prática da antropologia. Este levantamento foi feito em várias etapas e recorreu a diferentes instrumentos de recolha de dados: um questionário simples, um conjunto de entrevistas qualitativas, registos vídeo e levantamento de informação dispersa relativa ao ensino e investigação da antropologia em Portugal.

## INTRODUÇÃO

Quem somos? Quais os nossos percursos académicos e profissionais? Como aplicamos e desenvolvemos os saberes e as técnicas em que nos formamos? Que áreas de investigação e de trabalho nos interessam ou nos acolhem? Com quem partilhamos e conjugamos as nossas actividades? A falta de dados sistematizados e actualizados sobre estas e outras questões relacionadas com a realidade dos antropólogos em Portugal tem dificultado muitos esforços e iniciativas que se têm procurado desenvolver para uma melhor visibilidade e afirmação da antropologia.

Acompanhar a situação da nossa comunidade, a sua actividade e dificuldades que enfrentam tem sido uma preocupação central na Associação Portuguesa de Antropologia (APA). Neste sentido, a APA, em colaboração com outras entidades científicas e técnicas, centros de investigação e departamentos universitários, iniciou em 2014, a preparação de um estudo com o objectivo central de conhecer a situação dos antropólogos em Portugal, as suas actividades de investigação e percursos profissionais e descobrir as potencialidades ou obstáculos à prática da antropologia. Esta informação não se encontra sistematizada ou disponível em nenhuma fonte de dados existente e deverá vir a constituir um precioso manancial de reflexão e instrumento de trabalho para a comunidade antropológica portuguesa e para todas as entidades e instituições com responsabilidades no ensino e na profissionalização da disciplina.

Além da constituição de uma base de referência sobre a antropologia que entre nós se pratica, este estudo visou também a colheita de dados que pudessem ser utilizados para a definição de perfis profissionais, bem como servir de enquadramento e cruzamento com as avaliações realizadas pelo Ministério de Educação e pelo Ministério da Ciência e Tecnologia, e ainda apoiar as reflexões e revisões dos currículos académicos, a criação de novos planos de estudo e a formação em antropologia<sup>1</sup>.

Em 1999, a APA havia já lançado um *Inquérito à Situação dos Antropólogos em Portugal*, coordenado por José Cavaleiro Rodrigues. Tal estudo incluiu perguntas relativas a 1989, pelo que se trata também de uma caracterização do perfil do antropólogo nessa década (1989-1999)<sup>2</sup>.

A direcção da APA que tomou posse em 2006-09 propôs-se igualmente realizar um estudo “empiricamente sustentável (...) no sentido de identificar qual o Perfil de Intervenção Profissional do Antropólogo (em Portugal). O objectivo era a identificação das áreas de conhecimento, de actuação e de inserção institucional dos antropólogos formados em Portugal e/ou de todos os que estão a trabalhar em Portugal nos últimos 20 anos.” (e-boletim nº1 APA, Jan.2007). Partindo de estudos anteriormente feitos pelas próprias universidades, nomeadamente aquando dos respectivos processos de avaliação, e pela APA em 1999, a ideia era – naquela altura em que a APA iria comemorar precisamente 20 anos - lançar um conjunto alargado de entrevistas qualitativas por *email*, a partir do universo dos sócios da APA. Durante mais de um ano foi solicitado aos sócios que actualizassem os seus dados pessoais *online*, de modo a viabilizar a realização daquelas entrevistas junto de uma amostra representativa. Embora não se tenha completado o intento daquela direcção, ficou, no entanto, o legado fundamental da base

1 Como notou Robert Rowland, quando oportunamente se disponibilizou para ler o presente relatório, em Julho de 2016, “a maioria das associações congéneres define-se em termos científicos (p. ex. AAA, ASA, ABA) e tem critérios mais ou menos exigentes de admissão. A APA, pelo contrário, sempre manteve um perfil ambíguo de associação simultaneamente científica e profissional, ambiguidade essa reforçada pelo facto de, neste país, se considerar uma licenciatura como título profissional”.

2 Ver <http://www.apantropologia.org/wp-content/uploads/2012/05/2007-09-Boletim-APA-03.pdf>

dados actualizada e nunca antes tão completa e abrangente, relativa aos sócios da Associação. Sem ela, uma parte significativa do actual estudo não seria possível. Assim, bastava voltar a actualizar esse trabalho feito relativamente à informação electrónica sobre os sócios na base de dados da APA e tomar o inquérito de 1999 com o propósito comparativo longitudinal-diacrónico, servindo de contraponto com a realidade a observar em 2015. A actual direcção da APA tem não só todo o interesse como uma posição privilegiada para poder alargar ao máximo a informação existente sobre a realidade da antropologia no país. Neste sentido, foi definida uma estratégia metodológica abrangente de modo a estender o âmbito do estudo ao nível nacional, recorrendo a vários instrumentos de recolha e análise de dados em diversas etapas.

## 1. OBJECTIVOS

Foram considerados alguns objectivos centrais neste projecto, eventualmente ambicioso e a necessitar de continuado trabalho de recolhas para o seu aperfeiçoamento e actualização. Tais objectivos incluíam:

- 1 - Caracterizar o perfil dos antropólogos formados e/ou a trabalhar em Portugal;
- 2 - Comparar dados e dar continuidade ao questionário da APA de 1999;
- 3 - Conhecer as percepções dos próprios antropólogos sobre a sua actividade e os seus contextos de produção, materializando o projecto da APA 2006-2009 do Perfil do Antropólogo;
- 4 - Compilar um dossier informativo sobre as publicações, centros de investigação e oferta formativa da antropologia em Portugal;
- 5 - Projectar a antropologia na sociedade portuguesa para:
  - a) melhorar a empregabilidade;
  - b) promover uma opinião pública mais informada sobre o que fazem os antropólogos.

## 2. CRONOGRAMA

Tarefa	2014				2015								2016											
	Mês	Set	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	
Estudo Exploratório																								
Projecto																								
Preparação Questionário																								
Aplicação Questionário																								
Preparação Entrevistas																								
Preparação Vídeos																								
Execução Entrevistas																								
Recolha Dados Centros e Univ																								
Análise Dados																								
Resultados Preliminares																								
Apres. Resultados Definitivos																								

## 3. METODOLOGIA

Para cumprir com os objectivos propostos dentro do cronograma de tarefas estipulado entre Setembro de 2014 e meados de 2016, foi delineada uma metodologia multifacetada na qual se integraram três ferramentas de pesquisa principais: um inquérito por questionário<sup>3</sup> simples *online*, um conjunto de entrevistas qualitativas e dois filmes. Os detalhes técnicos da aplicação destes instrumentos metodológicos encontram-se na respectiva secção deste relatório, a par da apresentação dos resultados obtidos com cada uma delas. Foram ainda consultadas diversas fontes documentais devidamente referenciadas e que permitiram completar a informação relativa à divulgação, investigação e oferta educativa da antropologia no país.

Todos os que possuísem um grau académico em antropologia (licenciatura, mestrado e/ou doutoramento) eram destinatários deste estudo e testemunhas privilegiadas, fossem antropólogos portugueses a residir temporariamente no estrangeiro, fossem antropólogos estrangeiros a residir não temporariamente em Portugal.

<sup>3</sup> Ver anexo 1.

## 4. A EQUIPA

O estudo contou com a colaboração de diversas instituições e de uma equipa vasta que as representa, à qual a APA aproveita para deixar aqui um agradecimento muito reconhecido, em especial:

- ▶ ao Instituto Politécnico de Lisboa que permitiu o acesso à plataforma informática usada para o inquérito
- ▶ aos consultores:
  - Antónia Pedroso Lima (ISCTE-IUL)
  - António Belo (ESCS/IPL)
  - José Cavaleiro Rodrigues (ESCS/IPL)
  - Susana Matos Viegas (ICS-ULisboa)
- ▶ aos representantes de departamentos e centros de antropologia, que permitiram e ou facilitaram a divulgação do questionário:
  - Amélia Frazão Moreira (FCSH-UNL)
  - Antónia Pedroso Lima (ISCTE)
  - Fernando Florêncio (UCoimbra)
  - Humberto Martins (UTAD)
  - Marina Pignatelli (ISCSP-UL)
- ▶ à equipa de análise dos questionários orientados pelo estatístico do ISCSP, Jaime Fonseca e pela Vânia Pereira Machado que contratamos para a análise de SPSS:
  - Joana Mota da Costa (ISCSP-UL)
  - José Cavaleiro Rodrigues (ESCS-IPL)
- ▶ à equipa de realização dos filmes:
  - Humberto Martins (UTAD)
  - João Balsa (ISCSP-UL)
- ▶ à equipa de análise das entrevistas:
  - Ana Luísa Micaelo (APA)
  - Raquel Carvalheira (ICS)
  - Rita Ávila Cachado (CIES-IUL)

## 5. O QUESTIONÁRIO

### 5.1. NOTAS TÉCNICAS

O estudo arrancou com a abordagem quantitativa e para tal usámos um questionário simples, que foi desenhado tendo como referência o inquérito já realizado pela APA em 1999, de modo a se poder comparar os dados e analisar a sua evolução até ao presente. O coordenador daquele estudo de 1999, José Cavaleiro Rodrigues prontificou-se a colaborar desde a primeira hora, não apenas no desenho do novo questionário e no seu pré-teste, mas também na análise comparativa feita à posteriori. Além disso, fez a ponte com o estatístico Prof. António Belo, da Escola Superior de Comunicação do IPL, que permitiu que pudesse ser utilizado o acesso, por via daquela Escola, ao programa informático – o *Limesurvey.com*. Esta ferramenta electrónica tinha a vantagem de, não só permitir aplicar um questionário com grande abrangência de forma gratuita, como também possibilitava a migração da matriz de dados para SPSS.

Enquanto era preparado o questionário com a ajuda de António Belo e dos consultores para esta

tarefa (José Cavaleiro Rodrigues, Susana M. V., Humberto Martins), a Ana Luísa Micaelo (secretária da APA, à época) ia “limpando” a base de dados de sócios, com a fastidiosa, mas necessária actualização. Essa base contou com um total de 757 entradas - nomes e *emails* dos sócios, fundamentais para o envio automático do questionário directamente pelo sistema *Limesurvey.com*. Foi criado igualmente um *link* de acesso ao questionário, com o propósito de este se propagar em bola-de-neve ao maior número possível de antropólogos. Esse *link* junto com um apelo à participação e disseminação do questionário seria divulgado não só pela própria APA (no seu *site*, página de *Facebook*, e em todos os eventos promovidos pela APA) mas também com o auxílio das várias entidades que leccionam antropologia em Portugal, a quem pedimos as respectivas listas de graduados e contactos electrónicos para o efeito. Antes disso e por questões deontológicas, o questionário foi submetido à autoridade nacional competente para avaliação, em termos de formato e conteúdos - a Comissão Nacional de Proteção de Dados. Uma vez que esta comissão negou o direito de serem usados os contactos fornecidos pelas instituições para esta finalidade, uma vez que as pessoas não o consentiram directamente, houve que pedir a cada uma das instituições que fizesse o encaminhamento da mensagem da APA com o dito *link* do questionário aos seus diplomados. Colaboraram nesta tarefa o CRIA na pessoa da então presidente Amélia Frazão Moreira, o ICS por intercessão de Susana Matos Viegas, a UTAD por via de Humberto Martins, o ISCTE por via de Antónia Pedrosa Lima, a UCoimbra através de Fernando Florêncio, e o ISCSP por intercedência de Marina Pignatelli. Foram reunidos alguns contactos de antropólogos do Porto, do Algarve e da UMinho que terão funcionado também em bola-de-neve na disseminação do questionário.

Foi aberto o acesso ao questionário para preenchimento no dia 15 de Abril de 2015 e encerrado no dia 30 de Junho, mas estendido o prazo para 11 de Julho, para poder abranger alguns colegas “atrasados” a seu pedido.

Por convite partindo da base de dados da APA, recebemos 267 respostas completas (mais 85 incompletas = 352). Dos questionários respondidos a partir da ligação aberta, foram preenchidos 412 (tendo ficado também registadas 233 respostas incompletas = total 645).

Assim, tivemos:

- total de respostas incompletas: 318
- total das respostas completas: **679** (272 responderam ser sócios da APA)
- total n=997 questionários respondidos (incompletos e completos).

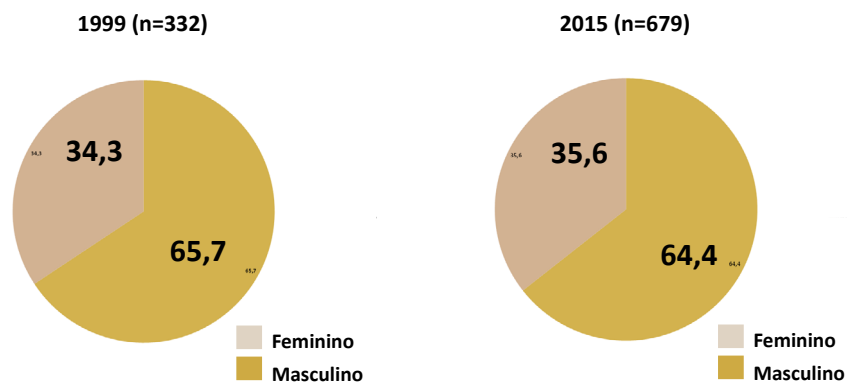
Este questionário continha 3 partes essenciais: uma bateria de questões sobre a formação dos inquiridos; outra sobre a sua actividade científica; e outra sobre a sua actividade profissional. No final, foram incluídas as questões de *background* para caracterização sociográfica e 3 perguntas abertas que permitissem alargar alguma perspectiva pessoal dos entrevistados relativas ao que mais valorizam e menos valorizam na antropologia, terminando com um espaço para eventuais observações ou sugestões.

## 5.2. APURAMENTOS

Irão de seguida ser apresentados os apuramentos dos dados do inquérito de 2015 com algumas das variáveis que foram categorizadas de modo a permitir que fosse possível a comparação com os dados do questionário da APA de 1999.

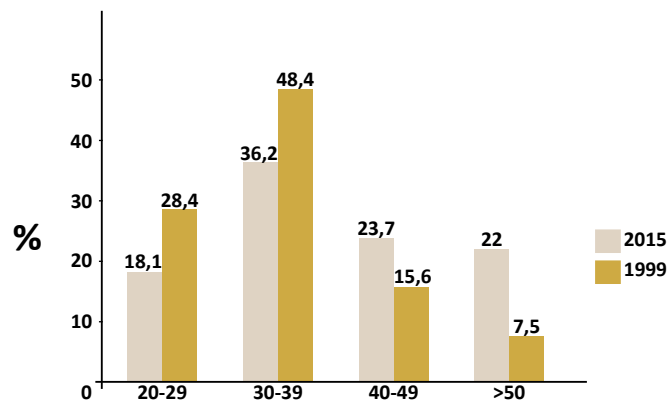
## CARACTERIZAÇÃO SOCIOGRÁFICA

Gráfico 1. Distribuição por Sexo (%)



A variável **sexo** não apresenta grande variação entre 1999 e 2015, mantendo-se ainda hoje as mulheres em maioria.

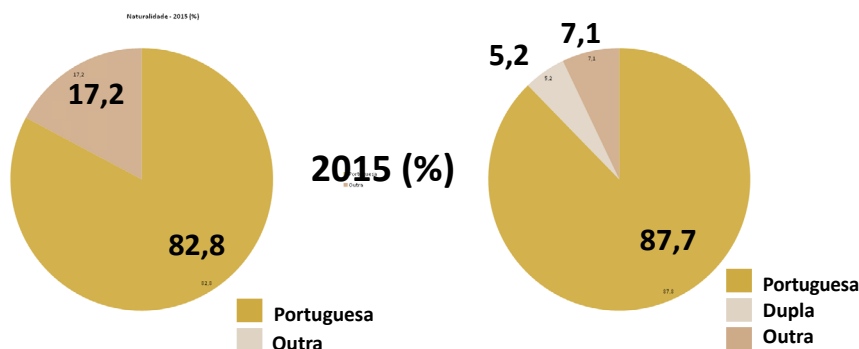
Gráfico 2. Faixas Etárias (%)



Já quanto à **idade**, os dados de 2015 reflectem um envelhecimento dos antropólogos, sendo hoje em dobro aqueles que têm mais de 40 anos, relativamente a 1999.

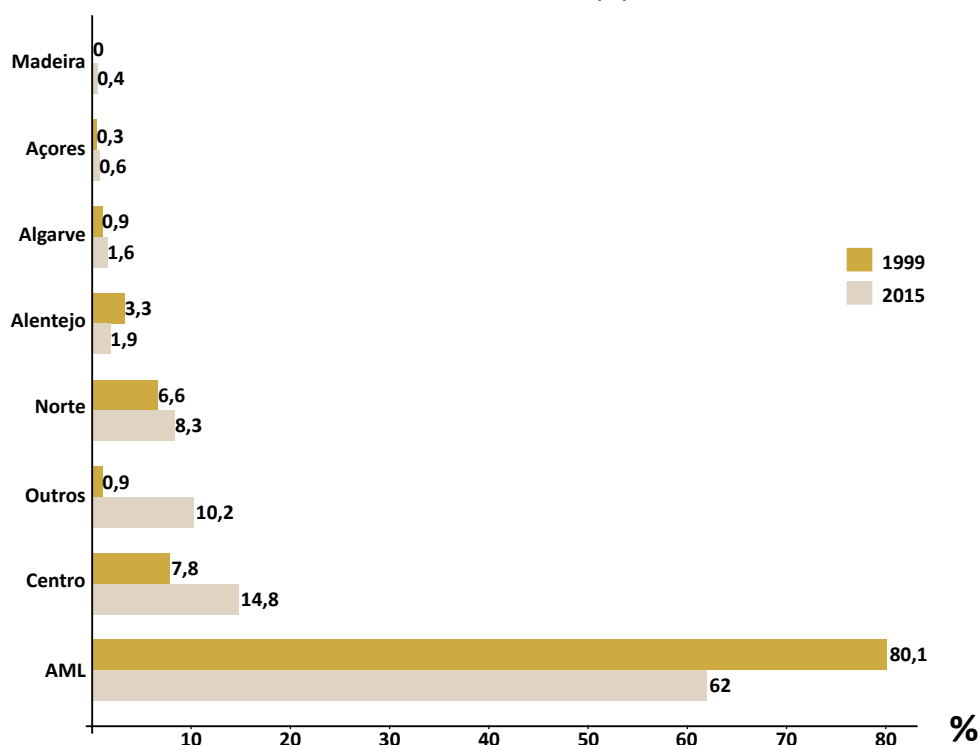
Gráfico 3. Distribuição por Naturalidade

Gráfico 4. Distribuição por Nacionalidade



**Naturalidade:** O local de nascimento foi também perguntado aos antropólogos, havendo de entre aqueles 679 que responderam ao questionário, 562 nascidos em Portugal e 117 naturais de outros países, sobretudo Brasil (20%), Angola (16%), Itália (13%), França (8%), Moçambique (8%), Cabo Verde (7%) e Espanha (7%), entre outros diversos contextos internacionais, como a Suíça (4%), 3% de nascidos no Canadá, Reino Unido e África do Sul e residualmente alguns tendo nascido na Alemanha, Argélia, Austrália, Bélgica, Colômbia, Dinamarca, Gana, Grécia, Holanda, Países Baixos e Venezuela. Quanto à distribuição por **Nacionalidade**, 87,7% é portuguesa, 5,2% tem dupla nacionalidade e 7,1% tem outra distinta, sobretudo brasileira (17,9%), italiana (14,1%), espanhola (7,7%) e francesa (6,4%). De resto, existem respondentes residuais com nacionalidade cabo-verdiana, angolana, australiana, britânica, canadiana, norte-americana, belga, dinamarquesa, ganesa, grega, holandesa, moçambicana, suíça e alguns com dupla nacionalidade.

Gráfico 5a. Área de Residência (%)

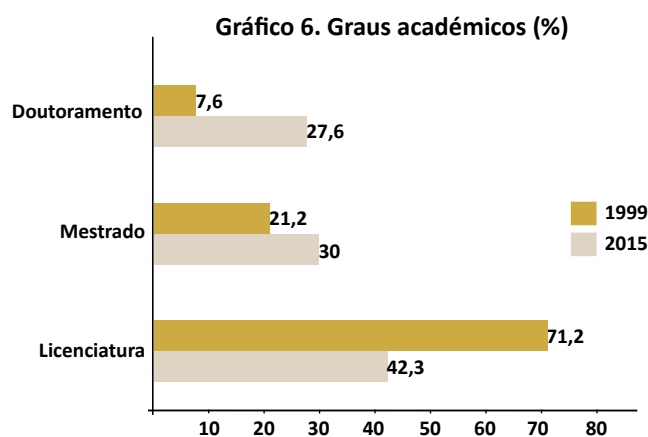


Na questão relativa à **área de residência**, nota-se uma tendência para a dispersão para zonas da periferia e uma maior distribuição geográfica relativamente à concentração de antropólogos moradores na Área Metropolitana de Lisboa (AML) e região centro, uma concentração que persistia, mas que diminuiu, desde 1999.

Quadro 5b. Outra Área de Residência Estrangeira

País	Número de casos	Percentagem %	Percentagem acumulada
Brasil	14	20,3	20,3
Reino Unido	8	11,6	31,9
Angola	6	8,7	40,6
Inglaterra	5	7,2	47,8
EUA	4	5,8	53,6
França	4	5,8	59,4
Espanha	3	4,3	63,8
Itália	3	4,3	68,1
Cabo Verde	2	2,9	71,0
Canadá	2	2,9	73,9
Chile	2	2,9	76,8
Holanda	2	2,9	79,7
Índia	2	2,9	82,6
Noruega	2	2,9	85,5
Dinamarca	1	1,4	87,0
Alemanha	1	1,4	88,4
China	1	1,4	89,9
Colômbia	1	1,4	91,3
Curdistão Iraquiano	1	1,4	92,8
Suécia	1	1,4	94,2
Guiné-Bissau	1	1,4	95,7
Bélgica	1	1,4	97,1
Moçambique	1	1,4	98,6
Suiça	1	1,4	100,0
Total	69	100	-

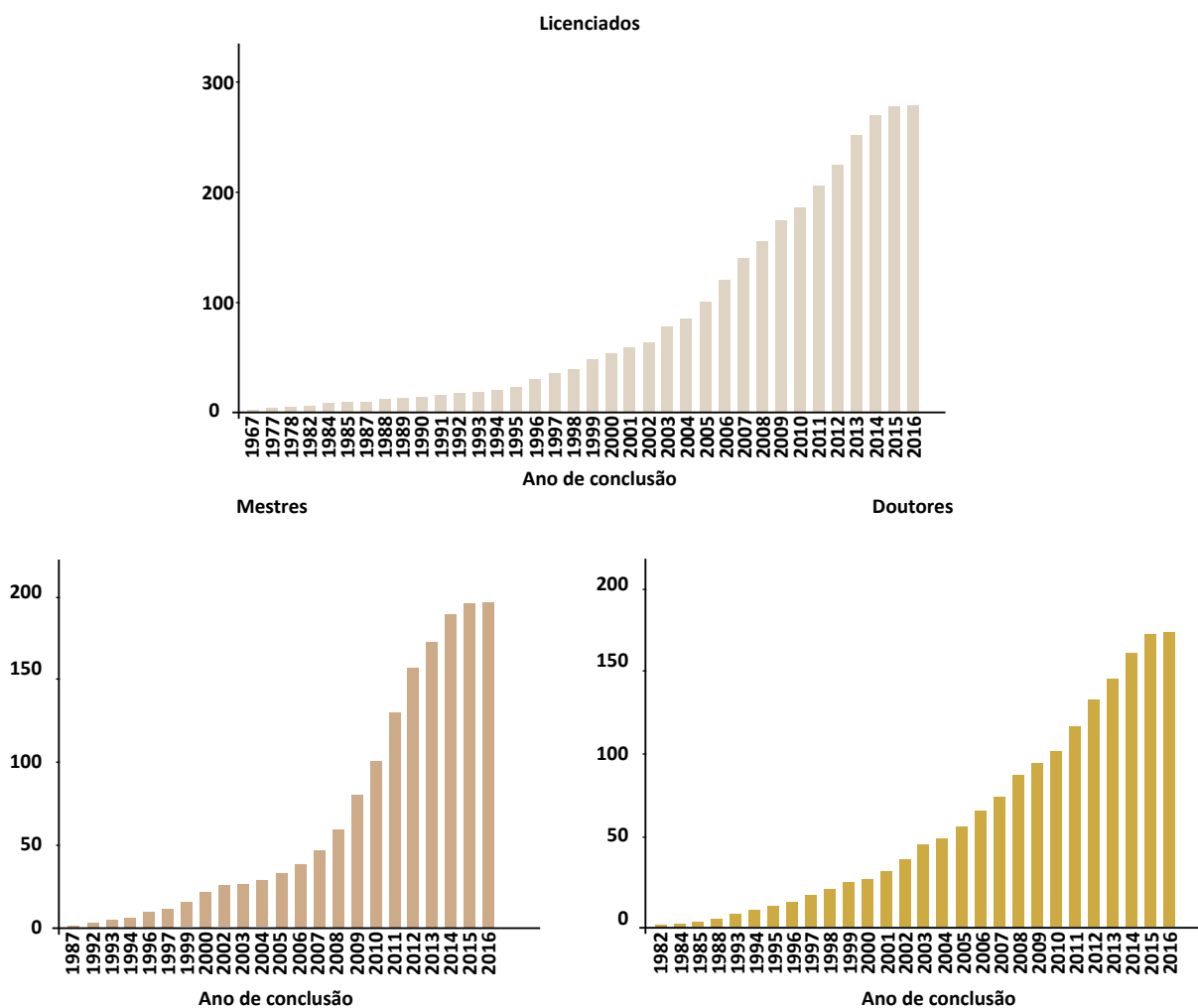
Surgem também 10,2% de respondentes que afirmam viver ou que se encontram a trabalhar noutros países que não Portugal, sendo 56% deles portugueses que estão fora (especialmente na Grã-Bretanha, Brasil, Angola e França). Os restantes 44% desses 10,2% são os estrangeiros, com maior frequência nascidos no Brasil, em Espanha, Itália e EUA.



No que toca à **formação académica** dos inquiridos, pode ser inferido que o número de doutorados na área da antropologia quadruplicou e os mestres aumentaram em cerca de 9%, ou seja, um terço mais do que o número que existia em 1999. Os licenciados em antropologia é que surpreendentemente diminuíram nesta última década e meia. Assim, não havendo possibilidades de progressão na carreira, não se torna atractiva a opção de uma graduação de 1º ciclo na antropologia. Ainda assim, entre os respondentes, 97% dos que apenas têm uma licenciatura, esta é precisamente em antropologia, sendo os restantes graduados em cursos muito diversos, ainda assim, a maioria na área das ciências sociais e humanas.

Relativamente às classificações obtidas nessas formações, que poderiam fornecer alguma luz quanto à meritocracia, apenas se dispõem de dados, e pouco conclusivos, para 2015. No entanto, pode ser reportado que 80% dos respondentes têm classificações finais até aos 14 valores. Relativamente aos mestrados, cerca de 65% deles são antropologia (14% na vertente biológica e 51% na social e cultural). Ainda quanto aos doutoramentos, 83% são em antropologia (7% na vertente biológica e 76% na vertente social e cultural) e nota-se também que 20% dos antropólogos portugueses fizeram formações de 3º ciclo no estrangeiro, mormente escolhendo universidades espanholas, francesas e britânicas. Entre os respondentes, cerca de 10% - têm outras formações ou cursos diversos, além dos graus de 1º, 2º ou 3º ciclos sobretudo no âmbito académico (84,1%) e profissional (39,1%).

**Gráficos 7. Evolução do número de Licenciados, Mestres e Doutores**



Nos gráficos 7 apresenta-se a evolução do número de licenciados, de mestres e doutores.

## ACTIVIDADE CIENTÍFICA

A maioria dos antropólogos respondentes (64,6%) informam neste *survey* que já desenvolveram ou desenvolvem actualmente actividade científica, ¾ deles (75%) em projectos de antropologia, 40% com uma vertente multidisciplinares. Outras áreas científicas onde os antropólogos têm desenvolvido projectos de investigação incluem sobretudo a museologia e a história, mas também noutras tão diversas como o comércio, a biologia, estudos de consumo, educação intercultural, engenharia, saúde pública, etc.

Gráfico 8a. Áreas da(s) Actividade(s) Científica(s) (%)

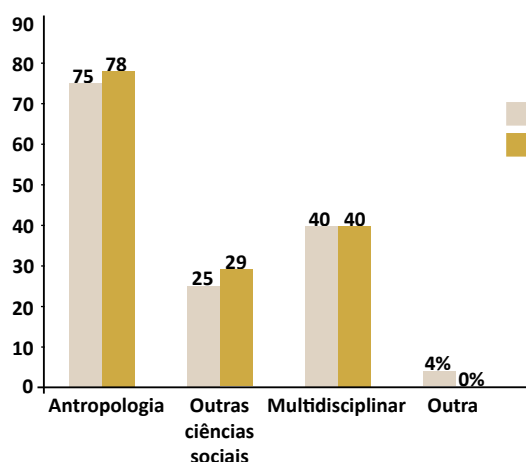
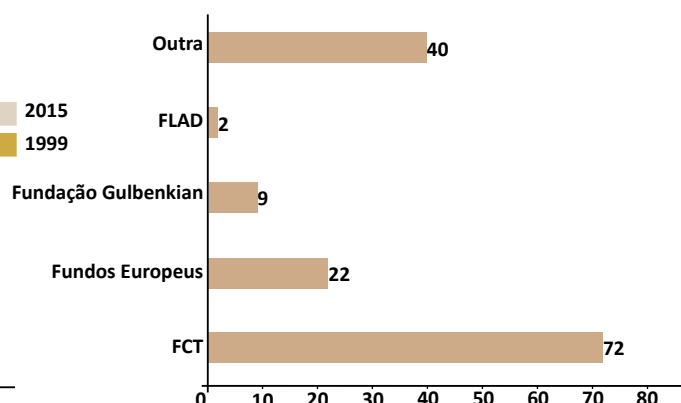


Gráfico 8b. Entidades Financiadoras (%)



Quadro 8c. Entidades Financiadoras

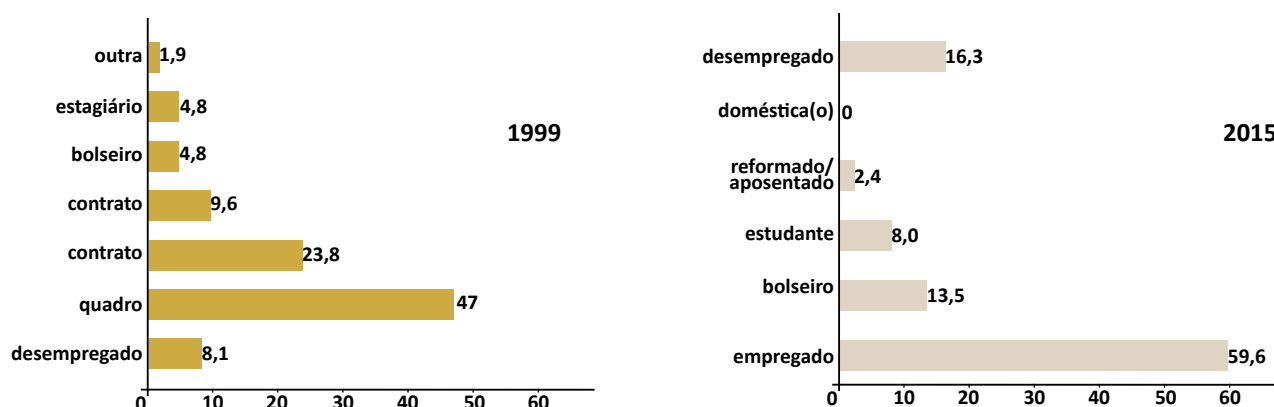
Entidades	Número de casos	Porcentagem %
Autarquias Locais	23	20,7
Instituições Públicas	17	15,3
Internacional	-	-
Outras Fundações	16	14,4
CAPES e CNPq (Brasil)	13	11,7
Instituição Pública Multilateral	7	6,3
Instituição Pública Nacional	6	5,4
Ministérios Públicos	6	5,4
Universidade Estrangeira	6	5,4
ONG's/ Associações	5	4,5
ACIDI	4	3,6
Centro de Investigação	4	3,6
Empresa Privada	2	1,8
Centro de Investigação	2	1,8
Nacional	-	-
<b>Total</b>	<b>111</b>	<b>100</b>

É bastante equilibrada a distribuição dos que trabalham em tais projectos estando integrados em equipas (56,6%), no âmbito de centros de investigação (50,0%) ou isoladamente (49,1%). 75,8% desses projectos científicos foram financiados, a maior parte deles (60%) pelo conjunto das instituições: FCT, fundos europeus, Gulbenkian e FLAD. Destaca-se realmente a FCT como a entidade que mais apostou nos apoios concedidos, seguida das autarquias locais, das instituições públicas internacionais (entre elas ressaltam o CAPES e o CNPq do Brasil) e de outras fundações, que totalizam 40%. Seguem-se neste patrocínio à investigação antropológica as instituições indicadas no quadro 8c.

## ACTIVIDADE PROFISSIONAL

A actividade profissional foi outra dimensão considerada de relevância fundamental neste estudo. Concretamente sobre a situação dos antropólogos perante o trabalho, é de sublinhar que o desemprego duplicou desde 1999 (8,1% em 1999 e 16,3% em 2015) e que está hoje bastante acima das percentagens relativas ao desemprego do conjunto dos licenciados nacionais (9,2% em 2015, segundo a PORDATA), principalmente na camada mais jovem – menores de 40 anos – (22,6%).

Gráfico 9. Situação perante o Trabalho (%)



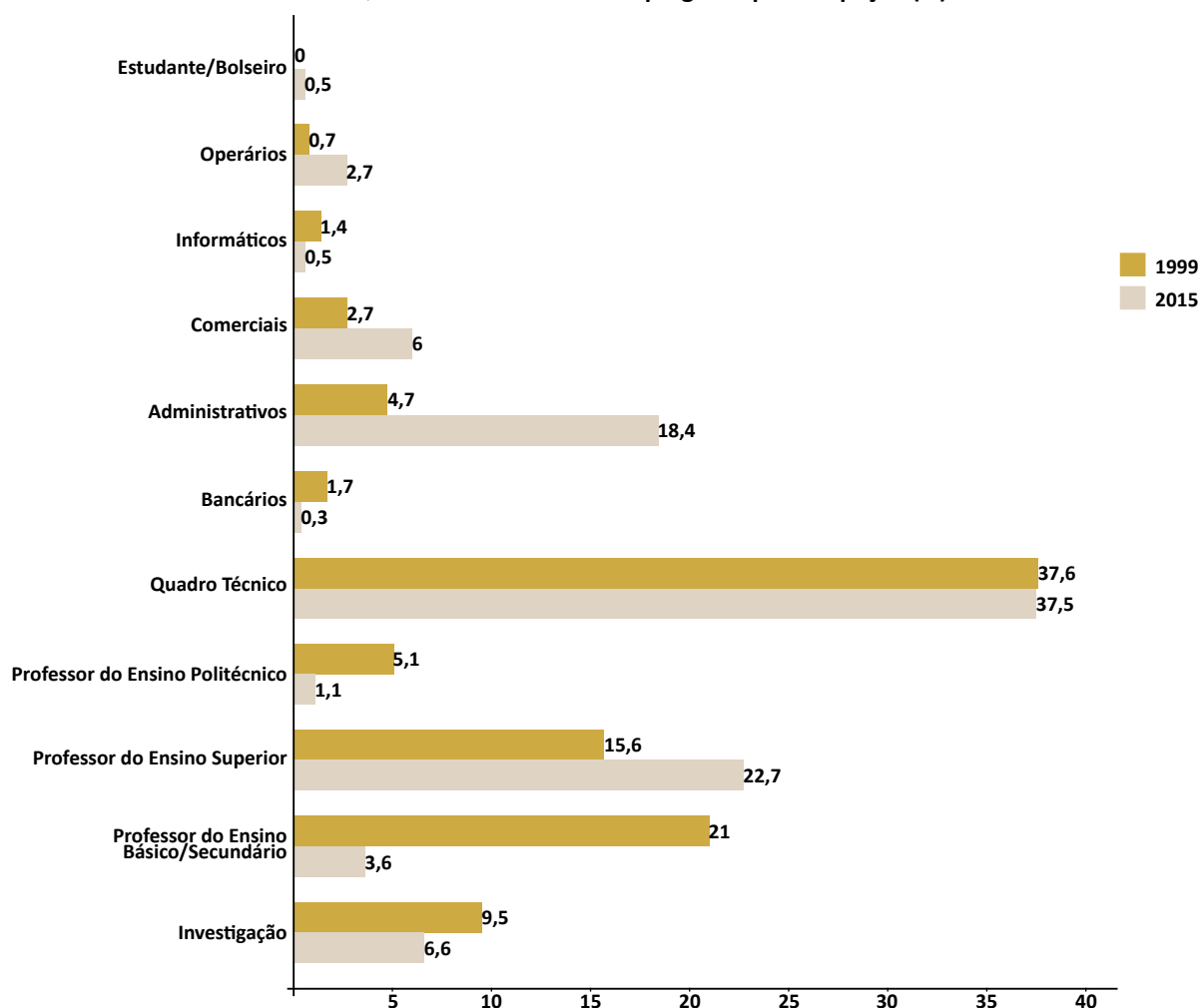
Houve também um aumento significativo de bolseiros desde 1999 (de 4% para 13%). Diminuídos os antropólogos empregados (80,4% em 1999 e 59,6% em 2015), são ainda assim mais os homens que se mantêm nos seus empregos donde a precariedade recai sobretudo sobre as mulheres e sobre as bolseiras. Essa precariedade incide mais frequentemente também sobre os jovens até aos 39 anos, afectando, portanto, os licenciados mais do que os mestres e doutores. Pode-se dizer que os antropólogos em Portugal, em termos de actividade profissional se encontram “entalados” entre o excesso de trabalho (entre os seniores - adultos com mais idade) e a falta dele (entre os juniores).

Quadro 10. Vínculo de Trabalho

Vínculo de trabalho	Número de casos	Percentagem %	Percentagem acumulada
A tempo inteiro no quadro da instituição	244	63,2	63,2
A tempo inteiro com contrato a termo certo	79	20,5	83,7
A tempo inteiro como trabalhador independente (prestação de serviços)	23	6,0	89,6
A tempo parcial com contrato a termo certo	21	5,4	95,1
A tempo parcial como trabalhador independente (prestação de serviços)	19	4,9	100
Total	386	100	

Constata-se também que entre os respondentes que se encontram empregados a tempo inteiro nos quadros das instituições, a maioria são pessoas acima dos 40 anos e que há mais homens do que mulheres. O maior número dos trabalhadores independentes a tempo parcial está na faixa dos 30-39 anos.

Quadro 11. Número de Empregados por Ocupação (%)



Quadro 12. Actividade Profissional por Tipo de Organismo e Sexo

Qual o tipo de organismo onde exerce a sua actividade actual (ou exerceu, caso não esteja empregado)?

Tipo de organismo	Feminino	Masculino	Total
Administração central	8,1	10,1	8,8
Administração local	12,9	13,4	13,1
Ensino básico ou secundário	5,6	3,4	4,8
Ensino superior	22,6	34,2	27
Instituto/centro de investigação	6,9	9,4	7,8
Museu	1,2	4	2,3
Empresa pública ou mista	4,4	2,7	3,8
Empresa privada (unipessoal ou em nome individual)	21	13,4	18,1
Associação sem fins lucrativos (ONG ou IPSS)	7,7	4,7	6,5
Organização internacional	1,2	0	0,8
Outro	8,5	4,7	7,1
Total	100	100	100

O academismo é ainda uma característica a apontar, porquanto estes antropólogos, conforme se pode ver no quadro 12, exercem a sua actividade profissional sobretudo em estabelecimentos de ensino superior. Persiste a desigualdade de género pois, além de estarem em maioria nos quadros das entidades que os empregam, os homens estão em maioria entre os académicos (no ensino superior e na investigação), especialmente entre os mais graduados (catedráticos). Há no entanto maior presença das mulheres como estudantes/bolseiras.

Seguem-se as empresas privadas de iniciativa individual e a administração local que aparece com valores acima da administração central. Tal como em 1999, mantém-se um número significativo ainda de antropólogos a trabalhar em áreas tão diversificadas como os centros de investigação, a acção social e comunitária (em ONGs ou IPSS), na museologia e no ensino básico e secundário. Contudo, a proporção de respondentes que declararam ocupações fora da sua área de formação e abaixo do seu nível de qualificação subiu de 11,2% em 1999 para 28,4% em 2015.

**Quadro 13. Actividade Profissional por Tipo de Organismo e Idade**

Tipo de organismo	20-29	30-39	40-49	>50	Total
Administração central	0,0	23,5	29,4	47,1	100
Administração local	3,8	32,7	42,3	21,2	100
Ensino básico ou secundário	5,3	15,8	31,6	47,4	100
Ensino superior	1,9	21,0	32,4	44,8	100
Instituto/centro de investigação	10,0	26,7	26,7	36,7	100
Museu	0,0	88,9	11,1	0,0	100
Empresa pública ou mista	28,6	35,7	28,6	7,1	100
Empresa privada (unipessoal ou em nome individual)	38,0	35,2	15,5	11,3	100
Associação sem fins lucrativos (ONG ou IPSS)	11,5	46,2	34,6	7,7	100
Organização internacional	33,3	66,7	0,0	0,0	100
Outro	22,2	48,1	22,2	7,4	100
Total	12,6	31,5	28,5	27,4	100

Foi também possível apurar que 85% dos professores universitários têm mais de 40 anos e que os respondentes com <39 anos e licenciados são a maioria, no que respeita ao desempenho de funções abaixo das suas qualificações (operários, comerciais). Se há mais ocorrência dos doutorados no meio académico, quem está no sector privado e no terceiro sector são os licenciados. Olhando para as faixas etárias, verifica-se igualmente que são os maiores de 40 que exercem funções laborais na administração pública. Certo é que persiste também relativamente às décadas passadas uma dependência dos antropólogos quanto a empregos do estado. Comparativamente a 1999, diminuíram os professores do ensino básico e secundário, enquanto o ensino superior teve uma descida mais ligeira, tal como os quadros técnicos. Por outro lado, cresceram todas as outras ocupações, sobretudo no sector terciário e dos serviços, em ocupações que não requerem uma formação superior. Também aqui se nota que estão os homens mais presentes que as mulheres no ensino superior e na investigação, enquanto estas se encontram em maior número nos quadros técnicos e em situação de bolseiras, portanto, também com situações laborais mais precárias. Se o inquérito de 1999 já indicava a queda da dependência dos antropólogos de ocupações ligadas ao ensino e investigação e um aumento da dispersão por empregos nos chamados “quadros técnicos” muito diversos mas de alta qualificação, essas mesmas tendências persistem e intensificaram-se na actualidade, embora persista a ligação estreita em termos laborais ao sector público, seja ao ensino e investigação, seja à administração local ou central, seja a empresas públicas.

Quanto ao **local de trabalho**, a larga maioria dos antropólogos inquiridos concentra-se em Lisboa (48,%), estando também alguns em Coimbra (3,7%), no Porto/Setúbal/Vila Real e no Brasil (1,5%). Residualmente, alguns trabalham noutras cidades portuguesas, europeias, norte-americanas ou africanas. Retiramos também deste inquérito que pouco mais de metade dos respondentes (57,7%) desenvolve outra actividade ligada à antropologia, seja dentro ou fora do âmbito profissional.

**Quadro 14: Empregados por Nacionalidade**

Ocupação	Local de nascimento		Total
	Portugal	Outro	
Investigação	6,4	7,5	6,6
Professor do Ensino Básico/Secundário	3,8	1,9	3,6
Professor do Ensino Superior	20,2	37,7	22,7
Professor do Ensino Politécnico	1,3	0,0	1,1
Quadro Técnico	40,1	22,6	37,5
Bancários	0,3	0,0	0,3
Administradores	17,6	22,6	18,4
Comerciais	6,1	5,7	6,0
Informáticos	0,6	0,0	0,5
Operários	2,9	1,9	2,7
Estudante/Bolseiro	0,6	0,0	0,5
<b>Total</b>	<b>100</b>	<b>100</b>	<b>100</b>

Nota-se que os inquiridos que têm outra nacionalidade, quando comparados com os nacionais portugueses, estão mais presentes na função de professor do ensino superior (38% e 20%, respectivamente). Pelo contrário, os nacionais portugueses, quando comparados com os que têm outra nacionalidade, estão mais presentes em quadros técnicos (40% e 23%, respectivamente).

**Quadro 15: Número de Desempregados por Ocupação**

Ocupação	Número de casos	Porcentagem %
Investigação	12	12,1
Professor do Ensino Básico/Secundário	3	3,0
Professor do Ensino Superior	9	9,1
Professor do Ensino Politécnico	1	1,0
Quadro Técnico	35	35,4
Bancários	1	1,0
Administradores	5	5,1
Comerciais	12	12,1
Informáticos	1	1,0
Operários	5	5,1
Estudante/Bolseiro	15	15,2
<b>Total</b>	<b>99</b>	<b>100</b>

É de referir ainda que 72% dos desempregados têm menos de 39 anos (21% tem entre 20-29 anos; 51% está entre os 30-39anos). O desemprego atinge sobretudo os quadros técnicos (37%); a investigação (12.5%) e os comerciais (12.5%). Depreende-se ainda que o desemprego atinge mais licenciados (41%) e mestres (38%) do que doutores (20%).

Interessou também contabilizar neste questionário o grau de intra-disciplinaridade por contraponto com a inter-disciplinaridade em termos de equipas de trabalho. Daí ter sido incluída uma questão relativa ao número de colegas antropólogos com quem trabalham os inquiridos, tendo 57% dos respondentes afirmado que se encontram a trabalhar com 2 a 10 colegas antropólogos; 27% trabalham sozinhos e 16% com mais de 10 colegas.

**Quadro 16. Articulação entre a formação e a profissão**

Competências adquiridas	Sim		Não	
	Número de casos	Percentagem %	Número de casos	Percentagem %
Capacidade de análise e síntese	624	97	20	3
Capacidade de aprender	634	98	15	2
Habilidade para resolver problemas	515	85	92	15
Capacidade de aplicar o conhecimento	570	89	67	11
Capacidade de adaptar-se a situações novas	578	92	52	8
Preocupação pela qualidade	555	90	62	10
Capacidade para trabalhar a informação	599	94	40	6
Capacidade de trabalhar autonomamente ou em grupo	585	94	38	6
Compreensão das culturas e costumes de outros países	631	98	14	2
Valoração da diversidade e o multiculturalismo	638	99	7	1
Habilidade de trabalhar num contexto internacional	444	75	150	25
Liderança	236	44	295	56
Capacidades de investigação	586	93	42	7
Conhecimento de desenho e gestão de projectos	265	46	305	54
Conhecimento de um novo idioma	265	45	322	55

Foi solicitado aos inquiridos que informassem se adquiriam determinadas competências específicas ao se graduarem em antropologia. Conclui-se do quadro 16, acima apresentado, que a maioria das pessoas entende que a formação em antropologia as prepara para resolver problemas, lidar com diferentes contextos, trabalhar informação e valorizar a diversidade e o multiculturalismo. Contudo, afirmam que a formação não as prepara no que respeita ao conhecimento de desenho e gestão de projectos, liderança e conhecimento de um novo idioma.

**Quadro 17. Relação entre a Profissão e a Antropologia**

A profissão e a Antropologia	Número de casos	Percentagem %
Os saberes e competências da antropologia são centrais na profissão que exerço	224	37,6
Os saberes e competências da antropologia são um contributo importante para a profissão que exerço	304	51,1
Os saberes e competências da antropologia são desnecessários para a profissão que exerço	67	11,3
<b>Total</b>	<b>595</b>	<b>100</b>

O quadro 17 indica-nos que perto de 40% dos inquiridos classifica os saberes e competências antropológicas como centrais para a actividade profissional que exercem e que metade os classifica como um contributo importante. 58,6% dos antropólogos integrantes na amostra deste estudo afirmou também que trocariam a sua actual profissão por outra em que pudessem utilizar (mais) a sua formação em antropologia.

**Quadro 18. Adequação da Formação Antropológica à Profissão**

Adequação da formação	2015 %	1999 %
Muito adequada	41,8	40,4
Parcialmente adequada	45,9	56,1
Inadequada	12,4	3,5
<b>Total</b>	<b>100</b>	<b>100</b>

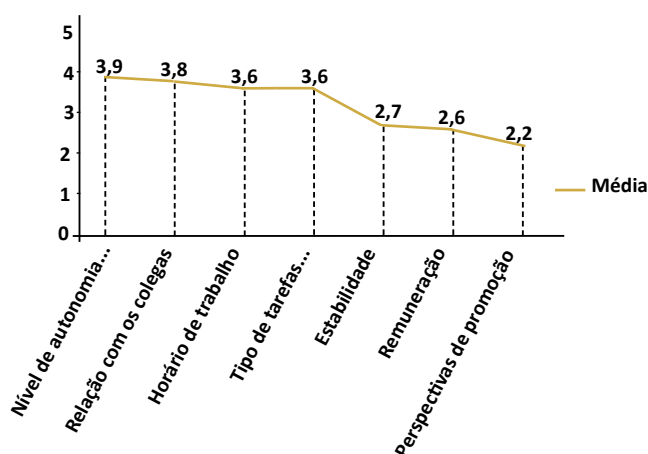
Porém, quando inquiridos sobre o grau de adequação dessa formação, pelo quadro 18 constatamos que a maioria considera a formação recebida como sendo apenas parcialmente adequada ao exercício da sua profissão. Apenas 38% dos respondentes afirma que os saberes e competências em antropologia são centrais para a profissão exercida.

Aos respondentes foi pedido que pontuasse de 1 a 5 (em que 1 = totalmente insatisfeito; 5 = totalmente satisfeito) o seu grau de satisfação relativo a diversos aspectos que constam no quadro 19. Desse quadro conclui-se que os antropólogos inquiridos estão especialmente insatisfeitos com aspectos relativos às suas perspectivas de carreira e de promoção, à sua remuneração e à estabilidade nos trabalhos. Por outro lado, os respondentes dizem encontrar-se satisfeitos quanto ao tipo de tarefas que desempenham, à carga horária, à autonomia nas tarefas desempenhadas e à relação com os colegas.

Seguem-se as impressões dos inquiridos quanto ao grau de satisfação com a profissão, através das medidas da média, mediana e desvio Padrão (DP). Neste Quadro 19, o DP é mais ou menos constante em todas as variáveis.

**Quadro e Gráfico 19. Níveis de Satisfação com a Profissão**

Níveis de satisfação com a profissão	Média	Mediana	Moda	DP*4
Perspectivas de promoção	2,22	2	1	1,26
Remuneração	2,56	2	2	1,15
Estabilidade	2,72	3	1	1,45
Relação com os colegas	3,83	4	4	1,05
Nível de autonomia no desempenho das tarefas	3,92	4	4	1,07
Horário de trabalho	3,64	4	4	1,27
Tipo de tarefas desempenhadas	3,60	4	4	1,12



4 \* DP significa desvio padrão, que mede a dispersão das respostas face à média. Ou seja, atendendo que a escala varia de 1 a 5 (em que 1 = totalmente insatisfeito; 5 = totalmente satisfeito), os itens que apresentam média mais baixa indicam que os respondentes estão menos satisfeitos. O DP mede a dispersão em torno dessa média, de modo a perceber se a média é uma boa medida. Devem ler-se também as outras medidas de dispersão: a moda, que é o valor usado mais vezes em cada pergunta e a mediana, que ordena as respostas e nos mostra o valor intermédio.

## O MAIS VALORIZADO NA ANTROPOLOGIA

Depois de analisadas as centenas de resposta abertas finais, podemos apontar como mais significativas no que toca aos aspectos **mais valorizados** na antropologia pelos respondentes algumas das referências mais recorrentes.

Quadro 20. O mais valorizado na Antropologia

O que mais valoriza na antropologia?	Número de casos
A compreensão do outro, olhar o outro, contactar e conhecer novas culturas, a mudança, as lógicas sociais, a sociedade	114
Diversidade cultural, capacidade relacional, trans/multi/interculturalismo, lidar com a diferença	101
Análise crítica, reflexiva, profundidade, atenção aos detalhes	96
O método etnográfico, qualitativo, observação/contacto directo com as comunidades, in loco	90
Abertura, tolerância às diferenças, pensar sem preconceitos, com respeito, desconstrução do etnocentrismo	66
Multi/Trans/Interdisciplinaridade	49
Abertura de espírito, visão do mundo, gosto pelo desconhecido, curiosidade, diversidade de pensamento	45
Humanismo, disciplina humanista, compreensão da humanidade e sua complexidade	32
Relativismo, relativizar	29
Visão holística, global	28
Reflexão sobre a subjectividade, desconstrução bottom-up	21
Adaptação	20
Abrangência	18
Intervenção social, agencialismo, activismo, investigação-acção, ciência aplicada (aos DH, desenvolvimento, marketing)	15
Polivalência, potencialidade, versatilidade (pode ser usada em qualquer área de trabalho)	14
Compromisso com novos contextos, viagem pelo mundo (não-Occidental)	13
Problematizar, questionar o mundo e o senso comum e a sua complexidade	13
Cultura Geral, conhecimento interessante	13
Mediação cultural, o encontro de culturas como “missão”, ponte/comunicação entre culturas	12
Sofisticação teórica, boa bagagem teórica, epistemológica	10
Estudo sobre o passado, memórias, compreender a história dos povos	9
Originalidade de objectos e temáticas	9
Mais valia na formação pessoal	8
Outras (flexibilidade 5; actualidade 5; valorização de contextos micro 4; partilha, ensino 4; estudo, escrita 6; pesquisa 5; auto-crítica 3; aprender línguas 4; necessária 2; comparabilidade 3; valorização do património/PCI 4; cosmopolitanismo 2; criatividade 4; sobre o conceito de cultura(s) 5; evolução humana/ investigação forense 6; uma filosofia de vida 1.	63

A frase que mais se destacou na análise desta questão em particular foi:

*“A Antropologia é a natação do saber” (formação mais completa)!*

## O MENOS VALORIZADO NA ANTROPOLOGIA

Seguem-se as categorias de respostas elencadas por ordem de maior número de ocorrências relativas aos aspectos que os inquiridos menos valorizam na antropologia.

Quadro 21. O menos valorizado na Antropologia

O que menos valoriza na antropologia?	Número de casos
Mercado de trabalho, emprego, precariedade, carreira, dificuldade de trabalho na área	90
Academismo, corporativismo (em Lisboa)	40
Falta de visibilidade, de reconhecimento (profissional) na sociedade	30
Fechamento (sufocante)	38
Falta capacidade para se afirmar, falta um bom marketing, projecção na sociedade / nas c.s. (sociologia)	36
Desvaloriza a antropologia aplicada, demasiado teórica	28
Desconhecimento	27
Incapacidade de intervir na sociedade, pouca aplicação prática, faz-se pouco ainda	26
Pouca interdisciplinaridade, isolamento na academia	24
Individualismo, desunião, competitividade, dificuldade de trabalhar em equipa, pouco associativismo	22
Pouco valorizada	21
Falta de apoio (financeiros 5; regulamentação 4; profissional/de classe 6)	12
Alheamento dos académicos das realidades/do público	12
Elitismo, auto-referencialidade	11
Falta experiência prática nos cursos (idas ao terreno, estágios)	10
Subjectividade, relativismo a mais, condescendência, falta de objectividade	9
Atracção/reprodução/preservacionismo do exótico, complexo Durkheimiano (coesão social das solidariedades orgânicas), sobrevalorização do marginal	9
Conservadorismo, desactualizada, agarrada aos clássicos	7
Está fora dos debates públicos, não são chamados aos media	7
Antropologia física (má ou fraca relação com a antropologia cultural)	5
Outras (desactualizada face aos novos desafios 5; ignorada nos concursos 3; poucas relações c/ sector publico 5; método com fraco protocolo 3; baixa remuneração 5; modas intelectuais discursivas e temáticas 5; arrogância intelectual 3; dificuldade de mobilização; etnocentrismo 3; Pedantismo 2; tempo para OP 2; negligencia as estatísticas/dados quantitativos 5; ciência vaga, sem foco 3; Escrita hermética 2; auto-crítica/niilista/reflexiva 5)	48

A frase emblemática a destacar de entre as críticas à nossa ciência é:

*“Demasiados hippies; gente burra e chicos expertos!”*

## IMPRESSÕES FINAIS (SUGESTÕES/OBSERVAÇÕES)

Quanto às impressões finais deixadas pelos respondentes, encontramos algumas observações recorrentes, nomeadamente a ideia de que:

- ▶ o questionário é importante para conhecer a realidade da nossa comunidade (foram recorrentes as felicitações)
- ▶ há preguiça de ir ao campo

Mensagens de esperança de que o questionário ajude a:

- ▶ abrir perspectivas / novas áreas
- ▶ novas saídas profissionais, nomeadamente empresariais, consultivas, de formação, *coaching*, ensino, saúde...
- ▶ sair da sua torre de marfim da academia
- ▶ divulgar a nossa área na sociedade
- ▶ APA a defender melhor a classe (fazer mais fóruns/espacos de reflexão e partilha de experiências)
- ▶ promova a antropologia nos media
- ▶ APA mostre o que é feito pelos antropólogos no mundo profissional fora da academia (os empregadores pedem psicólogos e sociólogos e nem sabem o que fazemos!)

Ficaram ainda algumas sugestões úteis para a reflexão-acção de toda a comunidade de antropólogos, designadamente a ideia de:

- ▶ preservar/recuperar o ensino da antropologia nos liceus e nos cursos superiores e avançados
- ▶ criar-se um serviço de orientação de alunos para a sua mais eficiente integração na investigação e no trabalho
- ▶ organizar-se um debate aberto sobre o que podem fazer os antropólogos e como melhor promover a sua actividade – traçar caminhos que tornem a antropologia **mais conhecida e bem reconhecida**.

## 6. AS ENTREVISTAS QUALITATIVAS

### 6.1. NOTAS TÉCNICAS

A existência do estudo quantitativo de 1999 e a possibilidade de se poderem comparar as décadas mais recentes permitiu, entre outros aspectos, avançar para uma análise longitudinal e para uma abordagem mais qualitativa sobre o que acontece na realidade com a antropologia e com os antropólogos em Portugal.

Seguiu-se então a concretização dessa vertente qualitativa, que consistiu no lançamento de um conjunto de entrevistas por *email*, feitas a uma série de antropólogos criteriosamente seleccionados.

Para esta etapa e com a ajuda da Marina Pignatelli, Susana M.V., Antónia Pedroso Lima, Humberto Martins e Fernando Florêncio, foi desenvolvido um guião<sup>5</sup> e definidos os detalhes desta parte do estudo, nomeadamente os parâmetros para a selecção dos entrevistados, os *timings* e a equipa para análise. Como parâmetros, foi determinado que a amostra seria de n=56, seria composta por 80% de ex-alunos e 20% de docentes e investigadores, e em proporções distribuídas segundo a instituição de origem dos antropólogos, da seguinte forma: ICS – 4; ISCSP – 10; UNL – 15; ISCTE – 15; UCoimbra – 8 (4 da área Biológica e 4 da Social e Cultural); e UTAD – 4. Foram respondidas: FCSH-UNL – 7; ICS – 6; ISCSP – 10; ISCTE – 10; UCoimbra – 4; UTAD – 5.

Estipulou-se ainda como critérios para escolha dos entrevistados que:

Para ex-alunos:

- 1) Deveriam ter pelo menos 10 anos desde o fim da formação - licenciatura pré-Bolonha ou mestrado
- 2) Para quem tem o doutoramento, conta a instituição em que fez mestrado e/ou doutoramento
- 3) Deveria abranger variedade em gerações e diversidade de actividade profissional – não abranger só docentes.

Para professores e investigadores:

- 1) diversidade de formações
- 2) diversidade de gerações
- 3) a trabalhar em Portugal e no estrangeiro

A escolha dos entrevistados e o envio do guião para ser respondido foi distribuída da seguinte forma: a Antónia P. Lima organizou pelo ISCTE-IUL; a Amélia Frazão pela FCSH-UNL; a Susana M. V. coordenou os do ICS-UL; o Fernando Florêncio geriu os da Universidade de Coimbra; o Humberto Martins zelou pela UTAD; e a Marina Pignatelli pelo ISCPS-UL.

ISCSP:

- 1 – Rosário Farmhouse (ex-ACIDI)
- 2 – Clara Bertrand Cabral (Unesco)
- 3 – Norberto Manso (C. M. Sabugal)
- 4 – Carla Figueiredo (Min. Defesa)
- 5 – Aleida Aguiar (Inst. Património de CV)
- 6 – Isabel Estácio (SEF)
- 7 – Maria Alvarez (S. João de Brito)
- 8 – Carlos Piteira (ISCSP/Galp)
- 9 – Sónia Frias (ISCSP)
- 10 – Susana Garcia (ISCSP)

---

5 Ver anexo 2.

UTAD:

- 1 – Gonçalo Mota (design gráfico/filme)
- 2 – Susana Silva (análise de mercado indústria farmacêutica)
- 3 – Celina Pinto (Museus Etnográficos)
- 4 – Rita Rodrigues (docente/investigador)
- 5 – Rui Tina Neto (C. M. Meda)

ICS:

- 1 – Patrícia Ferraz Matos (fez mestrado e doutoramento no ICS, licenciatura em Coimbra, é Investigadora pós-doc ICS)
- 2 – Catarina Fróis (fez doutoramento no ICS, é hoje investigadora do CRIA - contrato ciência e foi licenciada pelo ISCTE)
- 3 – Raquel Carvalheira (fez mestrado e doutoramento no ICS, licenciatura na Nova, acabada de doutorar)
- 4 – José Mapril (fez doutoramento no ICS, é investigador CRIA/UNova, docente na Nova)
- 5 – Manuel André Homem Cristo (fez doutoramento no ICS que terminou em 2015, é terapeuta de acupunctura)
- 6 – Cristiana Bastos (investigadora ICS, doutoramento nos EUA)

Os *emails* com os guiões seguiram para os entrevistados em 18 de Dezembro de 2015, tendo sido solicitado que os mesmos fossem devolvidos com as respostas até final de Janeiro de 2016, de modo a permitir uma análise cuidada por parte da equipa que iria desenvolver essa tarefa: Ana Luísa Micaelo, Raquel Castanheira e Rita Ávila Cachado.

## 6.2. ANÁLISE DAS ENTREVISTAS

A equipa que se ocupou desta tarefa recebeu 41 entrevistas de diversas instituições. Procurámos não proceder a análises que distinguíssem as instituições. Buscámos antes coerências e dissonâncias entre os discursos escritos pelos entrevistados. A análise das entrevistas foi dividida em três grandes grupos, de forma a podermos dividir trabalho, nomeadamente, (1) os percursos profissionais dos entrevistados; (2) as práticas de interdisciplinaridade ao longo da trajectória profissional; (3) as visões sobre como se verifica e como se perspectiva a intervenção da antropologia na sociedade.

Face à necessidade de proceder a resultados legíveis pelos restantes membros da equipa, optámos por elencar (1) as ocupações profissionais; (2) as disciplinas utilizadas em equipas e/ou trabalhos interdisciplinares; e (3) os campos de intervenção ou de desejo de intervenção da antropologia na sociedade, seguindo, portanto, aquelas 3 dimensões. As análises de conteúdo das entrevistas foram partilhadas entre os membros da equipa, mas os seus resultados ainda não estão finalizados. A possibilidade de expor aqueles resultados num seminário exclusivamente dedicado a este projecto é importante para que o trabalho aprofundado não se perca.

Em seguida, apresentam-se os resultados gerais obtidos através das entrevistas.

Sobre as actividades profissionais exercidas, destacam-se nas entrevistas as seguintes apontadas no gráfico 21, abaixo:

#### MEIO ACADÉMICO/UNIVERSITÁRIO

Docente do ensino superior  
Bolseiro/a de doutoramento  
Experiências pontuais  
Bolseiro/a de investigação em projectos  
Bolseiro/a de mestrado  
Bolseiro/a de pós-doutoramento  
Investigador/a de carreira  
Bolseiro/a de investigação em projectos noutra área de conhecimento

#### ACTIVIDADES DIVERSAS

Administração pública  
Formação  
Museus  
Professor do ensino básico, secundário e/ou profissional  
Direcção de serviços de âmbito nacional (bibliotecas, arquivos, centros de documentação)  
Produção de documentários e audiovisuais  
Pesquisa, entrevistas, análise  
Escavações arqueológicas  
Intervenções em antropologia forense

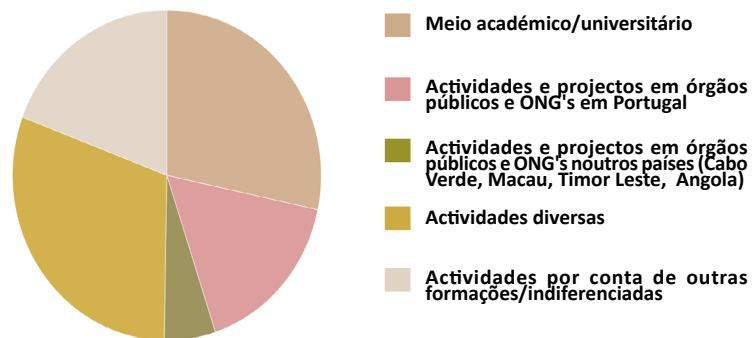
#### ACTIVIDADES E PROJECTOS EM ORGÃOS PÚBLICOS E ONG (EM PORTUGAL E NO ESTRANGEIRO)

História e cultura local  
Património  
Aprendizagem intercultural  
Refugiados, migração e saúde  
Educação  
Ambiente  
Igualdade de género  
Bairros desfavorecidos  
Associativismo, colectividades, voluntariado  
Desenvolvimento  
Promoção cultural  
Cooperação para o desenvolvimento  
Património imaterial  
Museologia  
Serviço Educativo  
Administração pública  
Saúde (Angola, outros)  
Violência  
Direitos humanos (África Ocidental)

#### ACTIVIDADES POR CONTA DE OUTRAS FORMAÇÕES

Explicações  
Ensino em centros infanto-juvenil  
Tradução  
Trabalhos de arquitectura, Planeamento  
Comunicação e consultoria  
Direcção de empresas  
I&D em empresas  
Secretariado e operacional  
Militares (Marinha de Guerra Portuguesa)  
Terapeuta (chi kung, shiatsu, etc.)  
Actor  
Designer gráfico  
Outros (SEF; EXPO'98, avaliação de projectos)

**Gráfico 21.Principais Actividades Profissionais Exercidas**



**Aspectos do exercício profissional que ganham com a formação em antropologia:**

- Reflexão crítica/olhar crítico sobre a realidade
- Capacidade de diálogo/mediação
- Maior aptidão para captar perspectivas diferentes sobre uma mesma realidade
- Compreensão da diversidade
- Questionar o etnocentrismo
- Trabalho em equipa
- Metodologia empírica diferenciada de outras disciplinas



## ÁREAS DE INTERVENÇÃO

### **Migrações**

- Minorias Étnicas
- Refugiados

### **Património e Museologia**

- Património Imaterial
- Museus Municipais

### **Estado**

- Política Local
- Função Pública
- Decisão política
- Políticas Públicas
- Autarquias
- Políticas da Saúde
- Sistema de Justiça

### **Academia**

- Docência/formação/ensino
- Investigação
- Politécnicos

### **Turismo**

### **Educação/Formação profissional**

- Ensino Básico
- Ensino Secundário
- Educação não-formal

### **Cultura organizacional**

- Empresas
- Instituições
- Recursos humanos
- Cultura organizacional interna

### **Partilha de conhecimento**

- Comunicação social
- Maior participação social
- Eliminação das desigualdades sociais
- Postura activista
- Divulgação do trabalho dos antropólogos
- Crítica
- Compreensão do Outro
- Processos de construção da diferença
- Promoção da cidadania, tolerância, cuidado

### **Diagnóstico/Monitorização/Consultadoria**

### **Mediação**

- Mediação Cultural
- Mediação intergeracional
- Mediação intergéneros

### **Saúde**

- Políticas da Saúde
- Humanização de práticas de assistência
- Serviços de prestação de cuidados
- Envelhecimento

### **Economia e Impacto local da Crise**

### **Ciências e artes**

- Estudos osteológicos
- Estudos da performance/artísticos
- Arqueologia

### **Ambiente**

### **Desenvolvimento**

- ONG
- Desenvolvimento social
- Gestão de projectos
- Estudos de desenvolvimento

No guião, era incluída uma questão sobre a intervenção da antropologia na sociedade. Neste sentido, os entrevistados destacaram alguns aspectos positivos no que toca ao papel da antropologia na sociedade portuguesa:

*“O papel da antropologia na sociedade portuguesa pode ser fundamental na construção de caminhos de diálogo e de paz social.”*

*“No fundo acredito que ela pode ter uma intervenção bem alargada em numerosos domínios de qualquer sociedade. Aliás, muita da filosofia subjacente a políticas no âmbito da segurança social, da educação, da saúde, da justiça, da cultura, e.o., acolhe compreensões e princípios relevantes na esfera da Antropologia.”*

Foram também ressaltados outros aspectos negativos conforme abaixo:

*“Julgo que no momento atual, a Antropologia está demasiado confinada ao meio universitário, da investigação, ensino e debate académico.”*

*“A antropologia é uma ciência social de elevado valor (acredito mesmo nisto), mas que está subvalorizada na sociedade portuguesa atual.”*

*“Escrevo estas linhas com alguma mágoa: na sociedade portuguesa atual, a antropologia tornou-se aparentemente irrelevante, socialmente invisível, e metodologicamente desajustada... um desperdício absurdo de um enorme capital emancipatório.”*

Igualmente quanto ao papel interventivo que a antropologia poderá ter nas sociedades actuais, alguns dos entrevistados mencionaram determinadas potencialidades desta área científica ao nível da intervenção social, nestes termos:

*“existe uma grande criatividade e versatilidade nos antropólogos”.*

*“a antropologia reveste-te de uma importância fundamental já que nos permite desconstruir tais dinâmicas e processos, não apenas através da análise crítica destes discursos mas também através do uso da etnografia, enquanto processo e escrita, e da forma como produzimos conhecimento em conjunto com os nossos interlocutores.”*

*“os antropólogos podem ainda contribuir para agregar mais pessoas interessadas em contribuir para um melhor entendimento das comunidades humanas, do passado e do presente, e para a eliminação de desigualdades sociais, assim como para a formação de indivíduos (e comunidades) mais participativos, empenhados e atentos e com acesso a uma cidadania plena (se assim o desejarem).”*

*“A grande contribuição da antropologia na sociedade é realmente informar, mostrar a complexidade do mundo, dar a conhecer.”*

Ainda sobre a intervenção da antropologia na sociedade, em termos da formação/ensino em/de antropologia, os entrevistados indicaram alguns aspectos pertinentes, tais como:

*“A antropologia poderia e deveria estar mais presente no ensino básico e secundário, contribuindo para o desenvolvimento precoce de capacidades heurísticas e críticas face à vida social e à produção cultural humanas”*

*“Uma ciência que deveria ser ministrada a todos os alunos durante o percurso escolar obrigatório, como uma ferramenta fundamental para estarmos atentos ao que nos rodeia, saber explicar os fatores que determinam essa realidade e como poderemos introduzir componentes de mudança mantendo as características fundamentais da cultura, mas não deixando de inovar.”*

*“Por outro lado, e não esquecendo que as sociedades modernas são hoje espaços de confronto e de narrativas onde a multiculturalidade tem uma expressão incontornável, apostar-se no desenvolvimento de uma política consentânea com o regresso da disciplina aos planos curriculares de ensino pré-universitários com vista à educação para a diferença cultural.”*

## 7.OS FILMES

Finalmente foram também desenvolvidas 10 outras entrevistas qualitativas, estas filmadas, entre os meses de Dezembro de 2015 e Janeiro de 2016 para a realização de um registo documental em vídeo, para divulgação da antropologia. O objectivo primordial seria o de fazer ressaltar o papel da antropologia não só como capaz de produzir conhecimento aplicado aos mais variados domínios como também para o exercício e valorização da cidadania, como conhecimento ou recurso sempre disponível para muitas outras dimensões, evitando ir a reboque da “indústria”. Pretendia-se um filme curto e promocional desta área do conhecimento, que estivesse voltado para o futuro e não fazendo balanços retrospectivos.

Para o efeito, a equipa composta por Humberto Martins e João Balsa (ISCSP-ULisboa) recorreu ao registo das imagens vídeo e edição dessas gravações para a produção e realização de dois filmes: um documentário de cerca de 60’ e uma curta-metragem (com pouco mais de 5’).

A mesma equipa que preparara as entrevistas qualitativas e a direcção da APA concordaram em que fossem entrevistadas pessoas-chave da antropologia portuguesa, concretamente: Antónia Pedroso Lima, Eugénia Cunha, Ana Benard, Paulo Costa, Brian O’Neill, Pina Cabral, Miguel Vale de Almeida, Catarina Alves Costa, Catarina Fróis, José Mapril, João Leal e Chiara Pussetti.

E foi-lhes perguntado, para o filme curto, o guião a cinzento:

- 1 - O que é a Antropologia? O que não pode ser a antropologia?
- 2 - Dê-me um exemplo de uma experiência sua como antropólogo(a)/algo que o/a tenha tocado?

E para o filme longo:

- 3 - O futuro da antropologia? O futuro da antropologia portuguesa/feita em Português?
- 4 - Diálogos com outros saberes?
- 5 - O futuro do planeta?
- 6 - Uma mensagem para novos estudantes.
- 7 - As vantagens de um jovem escolher a antropologia - o que lhe parece que seriam os ganhos mais fortes como ferramentas de formação para a sua actividade futura?
- 8 - É Feliz?

## 8. PUBLICAÇÕES, INVESTIGAÇÃO E ENSINO DA ANTROPOLOGIA EM PORTUGAL

O presente estudo incluiu também um levantamento sobre a investigação em antropologia, a presença da disciplina nas formações superiores, as publicações neste domínio e a situação dos cursos universitários em antropologia no presente<sup>6</sup>.

Em termos de publicações, existem actualmente algumas produções da especialidade, como a revista *Etnográfica* que foi lançada em 1997, pelo extinto Centro de Estudos de Antropologia Social. Esta revista, passou a ser editada pelo CRIA em 2009. Os números publicados a partir desse ano estão disponíveis na plataforma SciELO e Revue.Org. Os números anteriores (1997-2008) mantêm-se arquivados no site do CEAS.

Refira-se também a revista *Antropológicas* - uma publicação com periodicidade anual da chancela da Fundação Ensino e Cultura Fernando Pessoa (Universidade Fernando Pessoa, no Porto). Aquilo que a move encontra-se expresso no seu espaço electrónico nos seguintes moldes: “A revista Antropológicas é um espaço de diálogo científico e cultural entre diversos discursos das Ciências Sociais, tendo a Antropologia como âncora e o comportamento humano como objeto”.

---

<sup>6</sup> É devido aqui um agradecimento especial aos responsáveis dos departamentos de antropologia e do CRIA pela revisão e notas facultadas para este levantamento.

Em Coimbra, surgiu em 1983 a revista **Antropologia Portuguesa**, que publica artigos inéditos, entrevistas e resenhas nos domínios da Antropologia Biológica, Cultural e/ou Social. A *Antropologia Portuguesa* é, na verdade, a continuação de uma outra revista Contribuições para o Estudo da Antropologia Portuguesa, que se publicou na UC, de 1914 a 1982. Todos os trabalhos passam também por uma selecção e revisão por arbitragem científica, estando esta revista indexada nas bases de dados ERIH (*European Reference Index for the Humanities*), FRANCIS (*International Humanities and Social Sciences*), LATINDEX, HLAS (*Handbook of Latin American Studies*) e IBSS (*International Bibliography of the Social Sciences*).

Apenas com edição electrónica mas publicando anualmente pesquisas antropológicas feitas tanto na vertente cultural e social como biológica, contamos com a revista **Trabalhos de Antropologia e Etnologia**. É editada pela Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia (SPAEE), inicialmente fundada no Porto pelo Prof. Mendes Corrêa, da Faculdade de Ciências da UP, em 1918 e reformulada nos anos 80.

Além destas, contamos com a **Análise Social**, a revista do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, que edita 4 números anuais, desde 1963, que tem igualmente um sistema de arbitragem científica e que se encontra indexada também no SciELO/Portugal. No ICS editam-se ainda (e entre outros) muitos trabalhos de antropologia na *Imprensa das Ciências Sociais*.

São em muito reduzido número as unidades de investigação especificamente vocacionadas para a antropologia, em Portugal, existindo apenas 1 centro que integra a maioria dos antropólogos (o CRIA), 1 Laboratório Associado (o ICS) que conta com algumas linhas de pesquisa onde trabalham antropólogos e o MobCiD – Laboratório de Antropologia do ISCSP, criado em 2013 para agregar os estudantes e os docentes da área, dentro do qual se desenvolveu o Clube de Investigadores Juniores, precisamente com o intuito de integrar os alunos nos projectos da linha de Sociedade, Comunicação e Cultura do CAPP, ou do CIEG ou do IO (os Centros I&D do ISCSP).

O CRIA é uma unidade de I&D interinstitucional vocacionada para a investigação em Antropologia. É hoje a principal plataforma portuguesa de investigação na área, integrando 79 investigadores (entre os quais 25 pós-doc - 17 com bolsa FCT, e 6 doutorados contratados) e 115 colaboradores (60 destes são doutorandos com acolhimento do CRIA. A maioria dos seus 194 membros se encontram formalmente alojados em 4 pólos: FCSH-UNL; FCT-UC; ISCTE-IUL e UMinho, de modo a promover uma autonomia descentralizada das actividades dos vários grupos de pesquisadores e proporcionando uma interligação e mobilidade entre as várias unidades, em rede. A investigação do CRIA desenvolve-se em 4 grupos de Investigação: Circulação e produção de lugares; Práticas e Políticas da Cultura; Governança, Políticas e Quotidiano; e Desafios Ambientais, Sustentabilidade e Etnografia. O CRIA mantém relações com organizações congéneres a nível nacional e internacional, promovendo assim um diálogo entre estudantes e investigadores das mais variadas áreas académicas, e com a sociedade civil. Assim, o CRIA participa em fóruns internacionais de antropologia, onde seja potenciada a colaboração com instituições parceiras de países como Angola, Brasil, Cabo Verde, França, Alemanha, Índia, Itália, Malásia, Moçambique, Holanda, Noruega, Espanha, Suíça, Estados Unidos da América e Reino Unido. O CRIA acolhe e é parceiro de diversas outras entidades nacionais e internacionais em projectos financiados, bem como programas de investigação e redes científicas (FCT, QREN, 7º Programa-Quadro, Hera, Grundtvig, ERC, ESF, as acções COST, e em projectos de financiamentos privados. A missão do CRIA engloba o desenvolvimento de projectos de pesquisa teórica e aplicada, a organização de eventos que promovam o debate científico e a difusão da pesquisa; a edição de publicações científicas; a formação pós-graduada (mestrados, doutoramentos e cursos de verão ou livres); a colaboração internacional em rede, no desenvolvimento de projectos e grupos de investigação e de promoção científica; o reforço das relações de cooperação com instituições congéneres, nacionais e internacionais; e acolher estudantes do ensino superior, licenciados e investigadores de pós-graduação nas suas actividades de investigação, procurando contribuir para a sua integração na comunidade científica. Sítio electrónico: <http://cria.org.pt/site/>

Actualmente existem 5 instituições de ensino superior com oferta educativa na área científica da antropologia, com planos de estudos que abrangem os vários ciclos de estudos ao nível

de licenciaturas, mestrados e doutoramentos bem como pós-graduações e cursos livres de especialização com durações variadas. Em geral, todos estes equipamentos de ensino visam não só cobrir as necessidades locais ou nacionais em termos de abrangência no que toca à formação em antropologia, mas também realizam protocolos com outras instituições nacionais e internacionais, colaborando em programas de mobilidade internacional que facultam aos alunos a possibilidade de frequentar universidades estrangeiras, ao abrigo de diversos programas como o Erasmus-Sócrates e Erasmus-MundusFellow.

Procurando manter um equilíbrio nem sempre fácil entre a docência e a investigação que praticam, muitos antropólogos estão hoje ao serviço de algumas instituições académicas portuguesas, dentro das quais não só se empenham na formação das novas gerações de antropólogos, como tentam que subsista pelo menos em paridade com as restantes ciências sociais uma área científica já com uma considerável tradição em Portugal. Nesse sentido, referem-se de seguida as unidades de ensino que oferecem algum grau em antropologia. Além destas, existem outras instituições com antropólogos incluídos noutros departamentos ou a leccionar antropologia como parte dos planos de estudos de outras fileiras científicas, nomeadamente a Universidade Fernando Pessoa onde chegou a haver um Centro de Estudos de Antropologia Aplicada (Campelo 2001); a Universidade de Évora, do Algarve e nos Institutos Politécnicos de Lisboa, Setúbal, Leiria, Porto e Viana do Castelo, bem como na Escola Superior de Enfermagem de Lisboa.

A **Universidade de Coimbra** também conta já, desde 1885, com uma longa tradição de estudos antropológicos, sobretudo na vertente forense e biológica. Os antropólogos de Coimbra criaram, em 1898, um Museu de Antropologia (posteriormente denominado de Museu e Laboratório Antropológico, como secção do Museu de História Natural e actualmente integrado no Museu da Ciência), e em 1915, fundaram um Instituto de Antropologia para integrar as suas pesquisas. No entanto, os antropólogos tanto da forense e biológica como da vertente social e cultural que trabalhavam no Museu e no Instituto de Antropologia da UC, e que leccionavam antropologia noutros cursos, lançaram em 1995, uma licenciatura em antropologia, fundando também na mesma altura um Departamento próprio no seio da FCTUC. Em 2009, esse Departamento de Antropologia foi integrado no Departamento das Ciências da Vida também da FCTUC. A formação antropológica ao nível do 1º ciclo de estudos foca sobre a variabilidade biológica, social e cultural dos grupos humanos, tendo por objectivo articular a informação sobre a evolução e sobre a diversidade cultural e social. Procura também interpretar, analisar e compreender os dilemas do mundo contemporâneo na sua relação com o passado.

Esta mesma formação entronca com os estudos pós-graduados ao nível de mestrado criados em 2006, nomeadamente aos mestrados de continuidade, com especialidade em Evolução e Biologia Humanas, em Antropologia Médica ou em Antropologia Social e Cultural; e ao nível do doutoramento desenvolvido a partir de 2007, com três especializações: Antropologia Biológica, Antropologia Social e Cultural e Antropologia Forense. Sítios electrónicos: <https://apps.uc.pt/courses/pt/course/345> ; [http://www.uc.pt/fctuc/dcv/ensino/dou\\_antrop](http://www.uc.pt/fctuc/dcv/ensino/dou_antrop)

No **ISCSPU-Lisboa**, a mais antiga instituição de ensino das ciências sociais no país, existe a preocupação com o ensino dos temas da etnografia e das línguas autóctones dos diversos povos, desde que começou a funcionar, em 1906. Designada então de “Escola Colonial” e estreitamente ligada à Sociedade de Geografia cujas instalações partilhava no início, passou a poder oferecer cursos superiores a partir de 1926, alterando a designação para “Escola Superior Colonial”. Neste ano, muda-se para um palacete próprio no Príncipe Real. A “Escola” permanece no centro de Lisboa até 1961, quando é integrada na Universidade Técnica de Lisboa, passando a “Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas Ultramarinas”, na mesma altura em que se debanda para a Rua da Junqueira. É aí que a primeira licenciatura em Antropologia é criada, em 1968, pela mão de António Jorge Dias – que lá seria tornado o primeiro catedrático em antropologia cultural em Portugal - e pela sua equipa que igualmente dinamiza um Museu Etnográfico e dois centros de pesquisa: o CEEP (já existente desde 1947 e que se mudara do Porto para Lisboa) e o CEAC, fundado em 1962. O ISCSPU é encerrado temporariamente por conta da Revolução do 25 de Abril,

entre 1976 e 1979, reabrindo como ISCSP, tornando-se esta instituição pioneira na formação da primeira geração de antropólogos do país. Dando seguimento à longa tradição de investigação e ensino da antropologia nas vertentes quer social e cultural, quer biológica, o ISCSP cria, em 1983, o primeiro mestrado em Ciências Antropológicas, hoje mestrado em Antropologia. Fruto da fusão da Universidade Técnica com a Universidade “Clássica” de Lisboa, foi criado em 2015 um programa de doutoramento conjunto com o ICS. A Unidade de Coordenação de Antropologia conta actualmente com 12 doutores (3 associados e 9 auxiliares), integrados em diversos centros de pesquisa onde desenvolvem as respectivas investigações. Sítio electrónico: [http://www.iscsp.ulisboa.pt/images/stories/FicheirosParaDownload/antropologia\\_iscsp.pdf](http://www.iscsp.ulisboa.pt/images/stories/FicheirosParaDownload/antropologia_iscsp.pdf)

O Departamento de Antropologia da **FCSH-UNL** foi o primeiro a ser formado após a revolução de Abril de 1974. Inaugurou em Portugal o ensino de uma antropologia distanciada do contexto colonial e integrou docentes que haviam sido formados, durante o Estado Novo, em academias de países europeus democráticos. A “Nova” conta hoje com 11 docentes-investigadores de carreira (sendo 2 catedráticos, 2 associados com agregação, 1 associado e 6 auxiliares) e 5 auxiliares convidados. Estes docentes estão integrados no CRIA - constituindo um pólo próprio (CRIA-NOVA) - no CICS. NOVA e no IHC. O Departamento oferece uma licenciatura em Antropologia (que se distingue pela diversidade de sub-campos disciplinares que aborda, incluindo sub-campos no âmbito da antropologia social e cultural e da antropologia biológica) e um mestrado em Antropologia - este com duas áreas de especialização: Temas Contemporâneos e Culturas Visuais (colabora igualmente nos programas do mestrado de Estudos Urbanos e do mestrado em Migrações, Inter-Etnicidades e Transnacionalismo). A sua oferta educativa de 3º ciclo contempla um doutoramento em Antropologia com oito especialidades e um outro de excelência em Antropologia - Políticas e Imagens da Cultura e Museologia, desenvolvido em parceria com o ISCTE-IUL. Dependendo da organização do ano lectivo, pode oferecer ainda duas pós-graduações interdisciplinares em Ciências Sociais Forenses e em Islão Contemporâneo, Culturas e Sociedades, além de vários Cursos de Verão e de Inverno. Sítio electrónico: <http://www.fcsh.unl.pt/faculdade/departamentos/antropologia/apresentacao>

No **ISCTE-IUL** existe um departamento de antropologia fundado em 1982, que integra 14 doutores: 2 catedráticos, 4 associados com agregação e 8 auxiliares (1 com agregação), além de 2 professores auxiliares convidados. Sendo vocacionados para o ensino e para a investigação, estes académicos encontram-se ligados sobretudo ao CRIA com um pólo próprio (CRIA-IUL), mas também ao Centro de Estudos Internacionais (CEI, ex-CEA). O departamento promove igualmente a formação nos três ciclos de ensino superior, contando com uma Licenciatura, cursos de Pós-graduação (em Antropologia do Crime, Documentário Etnográfico Interactivo, Migrações Forçadas, Refugiados e Direitos Humanos e Mobilidades e Migrações Forçadas e Refugiados), um curso de Mestrado com vários ramos de especialização, em conjunto com a UTAD e dois doutoramentos em antropologia lançados em anos intercalares, um deles sendo um programa FCT e desenvolvido em conjunto com a FCSH-UNL, com especialidade em Políticas e Imagens da Cultura e Museologia. O departamento costuma organizar também os seus encontros científicos, designadamente a Conferência anual Ernesto Veiga de Oliveira, uma sessão de recepção aos novos alunos com projecção de um filme etnográfico seguida de debate, entre outras iniciativas como *Workshops*, ciclos de conferências, colóquios, seminários e debates sobre pesquisas em curso. Sítio electrónico: <http://iscte-iul.pt/departamentos/38/apresentacao.aspx>

Em 1962, o sociólogo Adérito Sedas Nunes junto com um grupo de pesquisadores na área das ciências sociais funda um Gabinete de Investigações Sociais (GIS). Este gabinete seria o embrião do actual **ICS – Instituto de Ciências Sociais**, onde se promovem até hoje trabalhos de pesquisa com um interesse particular pelos constrangimentos da sociedade portuguesa, bem como nos contextos internacionais especialmente com aqueles com que Portugal mantém uma ligação histórica. No virar da década de 60/70, foram sendo integrados novos investigadores com o apoio da Fundação C. Gulbenkian. Desde essa altura, o GIS começou a constituir uma biblioteca e em 1964 lança a revista *Análise Social* e mais tarde a editora universitária Imprensa das Ciências Sociais onde vão sendo publicados os seus trabalhos de pesquisa e os de muitos outros investigadores em Portugal.

O ICS viria a tornar-se num Laboratório Associado da Universidade de Lisboa no início da década de 2000, sendo uma instituição especialmente vocacionada para a investigação. Nesse sentido, o seu programa de pós-graduação é concebido como um instrumento de dinamização da investigação na relação com os trabalhos desenvolvidos nas linhas temáticas do Laboratório Associado, apoiadas nos vários seminários permanentes que o instituto organiza, assim como num programa de redes de cooperação internacional. Desde a década de 1990 que o ICS conta com um programa de doutoramento em ciências sociais que desde o início incluiu a antropologia social e cultural como uma das áreas de especialização. A partir de 2008, o curso de doutoramento em Antropologia Social e Cultural ganha autonomia e cria-se igualmente um mestrado neste domínio. Nos últimos anos o ICS optou por apenas fornecer programas doutorais, tendo, no entanto, desenvolvido programas de mestrado em parceria com outras instituições da Universidade de Lisboa, como é o caso do Mestrado em Estudos Brasileiros que, desde 2011, é oferecido numa parceria ICS-Faculdade de Letras U-Lisboa, integrando quatro áreas de conhecimento: a antropologia social e cultural, a história, a literatura brasileira e comparada, e a linguística. Quando se deu a fusão da Universidade de Lisboa com a Universidade Técnica de Lisboa, em 2015, o doutoramento em Antropologia do ICS criou parceria com o ISCSP, associando também o Centro de Estudos Comparatistas, unidades sob a mesma tutela da reestruturada Universidade de Lisboa. Actualmente, são parte do corpo de investigadores contratados pelo ICS na área da Antropologia do ICS 8 investigadores (1 investigador coordenador, 2 investigadores principais e 5 investigadores auxiliares), além de 3 investigadores FCT e 4 bolsiros pós-doc FCT. Para além de múltiplas redes internacionais, este grupo de investigadores faz parte, desde 2010, de uma rede de acordo trilateral com a antropologia de St. Andrews (UK) e do PPGAS do Museu Nacional e formalizou, em 2016, uma rede de colaboração com o Departamento de Antropologia da Universidade de Brasília. Atentos ao estudo das sociedades contemporâneas o grupo de investigadores do ICS na área da Antropologia Social e Cultural desenvolve linhas de investigação muito diversificadas e integra o corpo docente do seu programa de doutoramento e dos Mestrados em parceria. Sítio electrónico: <http://www.ics.ul.pt/instituto/>

Apesar de nunca ter havido uma licenciatura em antropologia na **Universidade do Minho**, até há poucos anos houve um mestrado e um Núcleo de Estudos em Antropologia (NEA), que garantia a manutenção do enquadramento institucional de um pequeno grupo de investigadores que faziam parte da Secção de Antropologia integrada no departamento de sociologia do Instituto de Ciências Sociais – ICS, daquela universidade. Desde 2008, este enquadramento passou a ter lugar no âmbito do pólo CRIA-UMinho, como uma unidade orgânica do ICS, que acolhe no presente 3 antropólogos integrados no departamento de sociologia. Ressalve-se que o referido ICS se reporta a uma das escolas envolvidas na fundação da própria Universidade do Minho, criada em 1976 e que, desde essa altura, participou activamente no lançamento de cursos de licenciatura, mestrado e doutoramento em diversos domínios. Não se confunde, portanto, com o ICS - Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa.

A **UTAD** tem, actualmente, um corpo de dez docentes e investigadores com formação em antropologia que leccionam disciplinas da área dispersas pela sua extensa e variada oferta curricular. Todos estes elementos fazem parte de centros de investigação avaliados pela FCT (CETRAD, CRIA, entre outros) e desenvolvem linhas de investigação também elas diversas (ambiente, migrações, identidade, cuidado, saúde). Tendo oferecido um curso de 1º Ciclo (Antropologia Aplicada ao Desenvolvimento) durante 10 anos (entre 1998/1999 e 2008/2009), que funcionou na sua extensão em Miranda do Douro, e no qual se formaram cerca de 100 alunos, retoma em 2016/2017 uma oferta nesta área disciplinar, desta vez um 2º Ciclo numa parceria inédita e inovadora com o ISCTE-IUL. A reactivação desta oferta, desejada há muito pelo seu corpo de antropólogos, dá resposta a um deficit de formação na área a norte de Coimbra (extensível à Galiza). Inscrita num dos terrenos clássicos e inspiradores da etnografia portuguesa, a UTAD tem uma rede de relações que hoje não se esgota só a norte do país (consórcio com a Universidade do Porto e a Universidade do Minho), estendendo-se à Galiza, ao resto da Europa, ao Brasil e a todo o mundo lusófono.

**Quadro 22. Cursos em Antropologia em Portugal**

Instituição	1º Ciclo	2º Ciclo	3º Ciclo	Pós-Graduação
ISCTE-IUL	1	1 (xEsp.) c/ UTAD	1+ $\frac{1}{2}$ c/ UNL	4
DCV-UC	1	2	1	-
ISCSP-UL	1	1	$\frac{1}{2}$ c/ ICS	2
ICS-UL	-	-	$\frac{1}{2}$ c/ ISCSP	-
FCSH-UNL	1	1 (x2Esp.)	1+ $\frac{1}{2}$ c/ ISCTE	2
<b>Total</b>	<b>4</b>	<b>5</b>	<b>5</b>	<b>8</b>

**Quadro 23. Docentes em Antropologia em Portugal**

Instituição	Catedrático	Associado	Auxiliar	Assistente	Convidados	Total
ISCTE-IUL	2	4 (c/ Agr.)	8	-	2 (Aux.)	16
DCV-UC	1	2	9	-	3	15
ISCSP-UL	-	3	9	-	-	12
FCSH-UNL	2	3 (2 c/ Agr.)	6	-	5 (Aux.)	16
ICS-UL	1 (Invst. Coord.)	2 (Inv. Principal)	5 (Inv. Aux.)	-	*	8
UTAD	1	-	9	-	-	10
UM	-	-	3 (1 c/ Agr.)	-	-	3
<b>Total</b>	<b>7</b>	<b>14</b>	<b>49</b>	<b>-</b>	<b>10</b>	<b>80</b>

\* 4 bolsiros Pós-doc, 3 investigadores FCT e 1 investigador auxiliar contrato Laboratório Associado

Há em Portugal actualmente 7 instituições formativas que oferecem algum grau em antropologia, destacando-se o número total de doutoramentos que é superior ao das licenciaturas. Apenas 1 das unidades de ensino (UCoimbra) não está a desenvolver algum programa lectivo de 2º ou 3º ciclo em parceria com outra, embora colabore em pós-graduações externas.

A distribuição do modo como se integram os 80 docentes/investigadores dos quadros universitários ou dos convidados permite perceber que persiste ainda uma estrutura piramidal, com os poucos (#7) catedráticos (há em Portugal apenas duas mulheres catedráticas em Antropologia) no topo, e gradualmente na direcção da base, havendo naturalmente mais associados e auxiliares (ao todo, apenas 7 agregados). Curiosamente, deixou de haver por completo em todas as unidades de ensino a figura de assistente.

## CONCLUSÕES

- ▶ O desemprego (que duplicou desde 1999) e a precariedade são as maiores queixas e condizem com a realidade vivida pelos antropólogos em Portugal – especialmente os mais jovens;
- ▶ O academismo é também uma crítica recorrente e a falta de reconhecimento da classe;
- ▶ Nos quadros das instituições com empregos a tempo inteiro estão mais homens e acima dos 40 anos;
- ▶ Os mais graduados com estabilidade de carreira na academia são também os homens acima dos 40 anos;
- ▶ O número de antropólogos no ensino básico e secundário diminuiu, sendo hoje as actividades profissionais desenvolvidas pelos antropólogos portugueses extremamente diversificadas. No entanto, a integração em profissões que requerem qualificação superior (quadros técnicos) é agora relativamente menor;
- ▶ Quando trabalham com outros colegas (em equipas multidisciplinares), a maioria são da história e da sociologia, entre muitas outras áreas científicas (mas preferencialmente das humanidades);
- ▶ Mais de metade dos antropólogos no país continuam a estar na AML, mas a concentração diminuiu relativamente a 1999 e há agora muitos a residir no estrangeiro;
- ▶ Existem ainda 5 revistas científicas onde regularmente os antropólogos podem publicar os resultados das suas investigações;
- ▶ Há em Portugal 7 instituições formativas que oferecem algum grau em antropologia, destacando-se o número total de doutoramentos que é superior ao das licenciaturas.

## Resta saber: Que futuros queremos disputar?<sup>7</sup>

---

<sup>7</sup> A questão prende-se com o tema do VI Congresso da APA, em Junho de 2016 “Futuros Disputados”, onde foram apresentados pela primeira vez os resultados do PAP.

## REFERÊNCIAS

- ▶ APA (2007) *e-Boletim*, nº 1 (Janeiro). Online (consultado a 16/03/2015): <http://www.apantropologia.org/wp-content/uploads/2012/05/2007-01-Boletim-APA-01.pdf>
- ▶ APA (2007) *e-Boletim*, nº 2 (Maio). Online (consultado a 16/03/2015): <http://www.apantropologia.org/wp-content/uploads/2012/05/2007-04-Boletim-APA-02.pdf>
- ▶ APA (2007) *e-Boletim*, nº 3 (Setembro). Online (consultado a 16/03/2015): <http://www.apantropologia.org/wp-content/uploads/2012/05/2007-09-Boletim-APA-03.pdf>
- ▶ Campelo, Álvaro (2001) “A Antropologia e o Discurso Político: o antropólogo e a sua intervenção na sociedade”, *Antropológicas*, nº 5, pp.207-237. Online (consultado a 20/01/2016) em: <http://bdigital.ufp.pt/bitstream/10284/1733/1/207-237.pdf>
- ▶ Cavaleiro Rodrigues, José (2007) “Os Antropólogos Portugueses nos últimos anos do séc. XX”, *e-Boletim da APA*, nº3.
- ▶ CRIA (2013) *Relatório de Actividades*
- ▶ CRIA (2014) *Relatório de Actividades*
- ▶ CRIA (2015) *Relatório de Actividades*
- ▶ Leal, João (2006) *Antropologia em Portugal: Mestres, Percursos, Tradições*, Lisboa : Livros Horizonte.
- ▶ Machado, Fernando Luís (2009) “Meio século de investigação sociológica em Portugal – uma interpretação empiricamente ilustrada.”
- ▶ Museu e Laboratório Antropológico (1985) *Cem Anos de Antropologia em Coimbra (1885-1985)*, Coimbra: Instituto Antropológico.
- ▶ Pignatelli, Marina (2014) Secção Memória "Antropologia em Portugal nos últimos 50 anos", *Etnográfica*, vol. 18 (2), Lisboa: Junho.
- ▶ Saraiva, Clara (2008) Recensão de Antropologia em Portugal: Mestres, Percursos, Tradições, *Etnográfica*, vol. 12 (1) Lisboa: Maio.
- ▶ Viegas, Susana de Matos(2009) “O Ensino, a Investigação e a Divulgação da Antropologia em Portugal”. in *Livro IV Congresso da Associação Portuguesa de Antropologia: Classificar o Mundo*. Lisboa, APA, pp. 327-343. Online: [http://www.apantropologia.org/wp-content/uploads/2012/04/Livro-de-Resumos-do-Congresso-Classificar-o-Mundo\\_APA-2009.pdf](http://www.apantropologia.org/wp-content/uploads/2012/04/Livro-de-Resumos-do-Congresso-Classificar-o-Mundo_APA-2009.pdf) (consultado a 27/5/2016).

